

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E INGLÊS

FABÍOLA DLUGOSS

***JANE EYRE* DE CHARLOTTE BRONTË: EMPODERAMENTO FEMININO
EM TRADUÇÕES BRASILEIRAS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO
2018

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E INGLÊS

FABÍOLA DLUGOSS

**JANE EYRE DE CHARLOTTE BRONTË: EMPODERAMENTO FEMININO
EM TRADUÇÕES BRASILEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Licenciatura em de Letras Português e Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná Câmpus Pato Branco como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC II.

Linha de Pesquisa: Literatura de Língua Inglesa e Estudos Descritivos da Tradução.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mirian Ruffini

PATO BRANCO
2018



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **FABÍOLA DLUGOSS**

Título: **Jane Eyre de Charlotte Brontë: empoderamento feminino em traduções brasileiras.**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em
29/06/2018, pela comissão julgadora:

Prof.ª Dra. Mirian Ruffini – UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof.ª Dra. Camila Paula Camilotti – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. Wellington Ricardo Fioruci – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof. Dr. Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier
Coordenador do Curso de Letras Português/Inglês
Coord. do Curso de Licenciatura
em Letras Português-Inglês
UTFPR - Câmpus Pato Branco

Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Portaria n.º 295 de 01/09/2015

Observação: A folha de aprovação assinada encontra-se na coordenação do curso.

Dedico este trabalho ao meu Deus, e a minha família pelo apoio e incentivo aos estudos. Como também aos meus professores, em especial, minha querida orientadora Mirian.

“Não sou pássaro. E nenhum ninho me envolve. Sou um ser humano livre e independente.”

(BRONTË, 2016, p. 295)

Dlugoss. Fabíola. *Jane Eyre de Charlotte Brontë: empoderamento feminino em traduções brasileiras*. 2018. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras / Português- Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

RESUMO

O presente trabalho desenvolveu uma análise descritivo-comparativa de duas traduções brasileiras da obra *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë. Analisaram-se as traduções da Editora Vozes publicada em 1953, e a da tradutora Heloisa Seixas, publicada em 2016 pela editora Bestbolso, tendo como base o texto fonte publicado em 1847 do qual se utilizou sua edição realizada pela Editora Collins Classics (2010). O objetivo da análise foi investigar marcas de empoderamento feminino da personagem protagonista da obra, e como essas marcas estão presentes nessas duas traduções. Além disso, foram analisados os paratextos dessas traduções elencadas tendo como objetivo avaliar a recepção da obra no polissistema literário brasileiro. Para a realização deste trabalho utilizou-se o suporte teórico dos estudos de Virginia Woolf (1998) e Oscar Mendes (1983) para compreender como era considerado o papel da mulher do século XIX, e também o contexto social e cultural em que Brontë vivia como mulher e escritora. Para a análise da recepção do romance no polissistema literário brasileiro foram utilizados os estudos de Itamar Even-Zohar e sua Teoria dos Polissistemas (1990). E para as análises das traduções brasileiras foram utilizados os procedimentos técnicos tradutórios de Lanzetti *et al* (2009), e os estudos de Antoine Berman (2007). Os postulados de Andre Lefevere (1992) embasaram as discussões acerca das políticas de tradução. E finalmente, para a análise paratextual foram utilizados os estudos de Gérard Genette (2009), que afirma que os paratextos acompanhadores de uma obra são de suma importância para sua interpretação. Por fim, verificou-se que a obra *Jane Eyre* revela uma personagem feminina empoderada, que está à frente da mulher do século XIX. Além disso, com a análise de suas traduções brasileiras frente aos procedimentos tradutórios adotados, pode-se considerar que uma tradução apresentou tendência mais “estrangeirizante” e a outra mais “domesticada”, de acordo com a teoria de Lawrence Venuti (2002). Com base nos paratextos analisados, observa-se que a autora e sua obra têm se consolidado no polissistema literário brasileiro, pois com o cotejo das duas traduções verificou-se que, de autora desconhecida e pouco reverenciada, Brontë, com o passar dos anos, passa a ser mais valorizada e *Jane Eyre*, em especial, ganha maior reconhecimento como fonte do empoderamento feminino, marcado na personagem protagonista da obra.

Palavras-chave: Tradução, Empoderamento feminino, Jane Eyre.

Dlugoss. Fabíola. *Jane Eyre* of Charlotte Brontë: female empowerment in Brazilian translations. 2018. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras / Português- Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

ABSTRACT

The present research study developed a descriptive-comparative analysis of two Brazilian translations of the novel *Jane Eyre*, by Charlotte Brontë. The translations of Vozes publishing company, issued in 1953 and that of the translator Heloisa Seixas, published in 2016 by the publisher Bestbolso, were analyzed based on the source text published in 1847, which was printed by publishing company Collins Classics (2010). The objective of the analysis was to investigate Jane Eyre's protagonist character's feminine empowerment marks, and how these marks are present in these two translations. In addition, the paratexts of these translations were analyzed, with the objective of investigating the reception of the work in the Brazilian literary polysystem. The theoretical support of the studies by Virginia Woolf (1998) and Oscar Mendes (1983) was used to understand the role of nineteenth-century women, as well as the social and cultural context in which Brontë lived as woman and writer. For the analysis of the novel reception in the Brazilian literary polysystem, the studies of Itamar Even-Zohar and his Theory of Polysystems (1990) were used. For the analysis of the Brazilian translations, the technical procedures of Lanzetti et al (2009) and the studies of Antoine Berman (2007) were used. The postulates of Andre Lefevere (1992) ground discussions on translation policies. Finally, for the paratexts analysis, the studies of Gérard Genette (2009) were used, which states that the accompanying paratexts of a work are of utmost importance for their interpretation. Finally, it was found that *Jane Eyre* reveals an empowered female character, who is ahead of the nineteenth century woman. In addition, with the analysis of their Brazilian translations in the face of the adopted translation procedures, one translation can be considered as having a more "foreigner" tendency and a more "domesticated" tendency, according to Lawrence Venuti's (2002) theory. Based on the analyzed paratexts, it is observed that the author and her work have been consolidated in the Brazilian literary polysystem. Given that, with the comparison of both translations, it was verified that, as an unknown and little revered author, Brontë, over the years, has become more valued and *Jane Eyre*, in particular, has gained greater recognition as a source of female empowerment, marked in the protagonist character of the work.

Keywords: Translation, Female empowerment, Jane Eyre.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Análise das traduções. Fonte: a autora.....	39
Tabela 2: Análise das traduções. Fonte: a autora.....	40
Tabela 3: Análise das traduções. Fonte: a autora.....	42
Tabela 4: Análise das traduções. Fonte: a autora.....	43
Tabela 5: Análise das traduções. Fonte: a autora.....	44
Tabela 6: Análise das traduções. Fonte: a autora.....	45
Tabela 7: Análise das traduções. Fonte: a autora.....	46

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: capa do livro *Jane Eyre*, publicado pela Editora Vozes, terceira edição do ano de 1953. Fonte: acervo pessoal.....49
- Figura 2: contracapa do livro *Jane Eyre*, Editora Vozes, terceira edição do ano de 1953. Fonte: acervo pessoal.....51
- Figura 3: capa do livro *Jane Eyre*, tradução de Heloisa Seixas, Editora Bestbolso, quinta edição do ano de 2016. Fonte: acervo pessoal.....53
- Figura 4: contracapa do livro *Jane Eyre*, tradução de Heloisa Seixas, Editora Bestbolso, quinta edição do ano de 2016. Fonte: acervo pessoal.....54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A MULHER DA SOCIEDADE VITORIANA E NA LITERATURA	14
1.1 A MULHER VITORIANA E O IDEAL DE FEMINILIDADE.....	14
1.2 CONTEXTO DE PRODUÇÃO DAS IRMÃS BRONTË DA ERA VITORIANA	17
1.3 O EMPODERAMENTO NA FIGURA FEMININA ATRAVÉS DA LITERATURA	21
2 O EMPODERAMENTO FEMININO EM <i>JANE EYRE</i>	26
2.1 A RUPTURA DA IDEALIZAÇÃO DE MULHER VITORIANA NA PERSONAGEM JANE EYRE E SEU EMPODERAMENTO	26
3 ANÁLISE DAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS DE <i>JANE EYRE</i>	36
3.1 ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO	36
3.2 ANÁLISE DO EMPODERAMENTO FEMININO NAS TRADUÇÕES DE <i>JANE EYRE</i>	38
3.3 ANÁLISE PARATEXTUAL DAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS DE 1953 E 2016.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	58

INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve o objetivo de analisar a obra *Jane Eyre*, da escritora inglesa Charlotte Brontë, no que tange aos aspectos de empoderamento feminino inserido na personagem protagonista do romance em duas traduções brasileiras, e de que maneira essas marcas de empoderamento estão presentes nessas traduções. Para essa análise utilizou-se as traduções da Editora Vozes publicada em 1953, e a da tradutora Heloisa Seixas, publicada em 2016 pela editora Bestbolso, tendo como base o texto fonte da obra publicado pela Editora Collins Classics (2010). Como também se teve o intuito de avaliar a recepção da obra no polissistema literário brasileiro por meio da análise paratextual dessas traduções elencadas.

Jane Eyre é um dos romances clássicos da literatura inglesa, escrito na era Vitoriana, no ano de 1847, época em que a mulher era vista com alta fragilidade, considerada impotente para trabalhar, e a única forma considerável de ter uma vida estável era por meio do casamento. Diante dessa situação social e cultural, Brontë cria uma personagem feminina que rompe com esse sistema feminino imposto às mulheres, trazendo um empoderamento feminino na sociedade. Com isso, verificou-se a pertinência de analisar o papel da mulher na sociedade de acordo com esses rompimentos levantados pela autora.

Durante muito tempo, a literatura foi de predominância masculina, na qual era difundida a imagem de como as mulheres deveriam ser na sociedade, na qual havia uma idealização de atributos angelicais, como a de guardiã do lar, submissa e passiva, em que destinava seus esforços aos cuidados do lar. Não havia muitas escritoras devido às mulheres serem consideradas de capacidade intelectual inferior aos dos homens. No entanto, essa ideia estereotipada da mulher na literatura passa a mudar ao surgirem escritoras, que hoje são consagradas, como as irmãs Brontë e Jane Austen. Em suas obras, elas denunciam os costumes aristocráticos da sociedade patriarcal do século XIX na Inglaterra referentes às mulheres, além de criarem personagens femininas empoderadas, que vão contra os costumes e ditames impostos sobre elas. Mesmo escrevendo por meio de pseudônimos masculinos e enfrentando preconceitos, bem como estarem restritas ao âmbito do

lar, as autoras não desistiram de seus ofícios literários, os quais contribuíram para uma nova identidade da figura feminina na literatura e na sociedade.

A metodologia da pesquisa se deu de forma bibliográfica, exploratória e investigativa, por meio de cujos procedimentos se buscou resultados para o tema da pesquisa. Considera-se o trabalho apresentar relevância no meio acadêmico para o conhecimento literário da obra e para os estudos da tradução.

A análise realizada está dividida em três capítulos, contemplando primeiramente fatores como o papel da mulher na sociedade vitoriana do século XIX, e a importância de escritoras mulheres na literatura, da qual vieram a produzir romances com intuito de empoderar a figura feminina e romper com a imagem preconceituosa feitas sobre elas até então.

No segundo capítulo, realizou-se uma análise descritiva do empoderamento feminino presente na personagem protagonista do romance por meio da tradução brasileira da Editora Bestbolso (2016), tal tradução se mostrou relevante por conter fortes marcas do empoderamento feminino, pois, em todo momento a personagem Jane se afirma como uma mulher livre e independente e mostra que por meio de seu trabalho pode se manter sozinha, e que ser mulher não faz dela um ser frágil.

E por fim, no terceiro capítulo foram analisadas duas traduções brasileiras do romance *Jane Eyre*: a primeira tradução brasileira, a qual foi realizada em 1926 e publicada pela Editora Vozes, (cuja terceira edição, de 1953, utilizamos para este trabalho) nela não consta o nome do tradutor. Esse era um momento histórico do Brasil pós-colônia em que a mulher ainda não tinha seu total lugar na sociedade, estava no avanço de suas conquistas sociais. E se analisou a tradução mais recente da obra que foi realizada em 2016, pela tradutora Heloísa Seixas da Editora Bestbolso, a qual surge em um contexto em que a mulher já alcançou grande espaço e voz na sociedade brasileira. Assim sendo, são elas duas traduções produzidas em diferentes contextos históricos sociais do Brasil, havendo um espaço de progresso social feminino entre esses períodos. Para essa análise se teve como base o texto fonte publicado pela Editora Collins Classics (2010).

Segundo Gideon Toury (2012) a cultura de chegada é de extrema importância para compreender a posição e função de um texto traduzido, em vista disso, observa-se como dois tradutores de diferentes épocas do Brasil apresentam em suas traduções o empoderamento dado a mulher na personagem protagonista da obra *Jane Eyre* que estão presentes no texto fonte.

Para compreender melhor os processos que envolvem o ato da tradução, utilizou-se a teoria dos polissistema, de Itamar Even-Zohar (1990). Como também os procedimentos técnicos tradutórios de Lanzetti *et al* (2009). Verificou-se se nos procedimentos técnicos de tradução utilizados pelos dois tradutores fazem do texto alvo um texto domesticado ou estrangeirizante, segundo a teoria de Lawrence Venuti (2002), isto é, um texto que se aproxima da cultura de chegada ou se aproxima da cultura do texto de partida. Utilizou-se os estudos de Antoine Berman (2007), o texto de Berman se aplica a esta pesquisa por apontar com exatidão alguns fenômenos do processo e ato tradutório em relação ao texto fonte, como o empobrecimento, o enobrecimento, entre outros elementos. E utilizou-se os estudos de Andre Lefevere (1992) que conceituam os termos de mecenato ou patronagem, afirmando que existem relações de poder nos meios literários no que tange à tradução. Esses teóricos foram utilizados para compreender quais foram os procedimentos técnicos tradutórios adotados pelos tradutores ao traduzirem a obra do inglês para o português brasileiro. Tendo por objetivo averiguar se as marcas de empoderamento feminino do texto fonte foram preservadas nessas traduções.

Por fim, com a análise dos paratextos dessas edições lançadas no Brasil, percebe-se que os elementos paratextuais, de acordo com a teoria de Gerard Genette (2006), são de suma importância para uma compreensão eficaz da obra, pois mostram como Brontë se insere no polissistema literário brasileiro.

1 A MULHER DA SOCIEDADE VITORIANA E NA LITERATURA

Neste capítulo pretende-se apresentar a percepção do papel da mulher na sociedade vitoriana, o qual era regido por um sistema patriarcal, assim como a idealização da figura feminina. Além disso, pretende-se contextualizar os escritos das irmãs Brontë, em especial de Charlotte Brontë, revelando informações importantes sobre a vida das autoras que contribuíram grandemente para a literatura, com a criação de fortes protagonistas femininas que rompem com o regime patriarcal imposto às mulheres.

1.1 A MULHER VITORIANA E O IDEAL DE FEMINILIDADE

A Inglaterra vive, no século XIX, a conhecida Era Vitoriana, na qual a rainha Vitória governou durante os anos de 1837 a 1901. Assim como ao longo da história da humanidade, a posição do homem na sociedade era superior à da mulher, sendo ela inferiorizada, e muitas vezes considerada como objeto ou moeda de troca, pois não havia bases igualitárias entre os diferentes sexos. O contexto do século XIX é caracterizado como uma sociedade patriarcal, em que o homem exercia total poder e domínio sobre a figura feminina. A mulher era ligada primeiramente à figura paterna, e logo após, ao casamento, juntamente com seus cuidados do lar, sendo considerada totalmente dependente de uma figura masculina para sobreviver. Quanto à estrutura familiar, cabia ao homem ser o provedor do lar, sendo o responsável pela gestão familiar, e o papel desempenhado pela mulher era direcionar os cuidados do lar.

Para a sociedade vitoriana, a imagem da mulher estava totalmente ligada ao lar, visto que seu papel era direcionar os afazeres domésticos e cuidar dos filhos. No casamento, o papel da mulher era ser inteiramente submissa ao marido, não tendo poder para tomar suas próprias decisões. Não podia desempenhar papéis sociais de cunho político e muito menos profissional, seus únicos compromissos sociais eram em visitas à igreja e participações em bailes. O perfil delineado à mulher era idealizado a uma figura angelical, a qual era considerada o anjo da casa. Tal ideal era reforçado na necessidade de ela ser uma pessoa submissa, pura, delicada e

bela; assim, desde cedo, as meninas eram rigorosamente ensinadas com regras de conduta, etiqueta, e morais da sociedade.

Quanto à educação, para a mulher ainda era algo muito restrito, devido ainda não existir um sistema educacional formado, sua educação era voltada para sua instrumentalização no lar. Era comum os rapazes saírem para estudar fora e obterem uma formação acadêmica, enquanto que para as moças existiam algumas “escolas para damas”, que não eram muito bem vistas, pelo motivo de a sociedade acreditar que o verdadeiro lugar das mulheres era em casa e não na escola, visto que para os homens a mulher era desprovida de intelectualidade.

A educação das crianças era feita nas escolas dominicais e as famílias mais abastadas utilizavam o serviço de tutores. Entre as habilidades requeridas para moças estava saber ler e escrever, ter conhecimentos básicos de história, geografia, dança, música, pintura, bordado, e aprender línguas estrangeiras, como francês e italiano, assim, todas as habilidades eram direcionadas ao lar.

A mulher também não tinha direito à herança na família, pois que este direito era reservado apenas ao primogênito homem, na ausência do qual, o espólio da família era entregue ao parente masculino mais próximo. Sem direito ao acesso do dinheiro da família e impossibilitada de trabalhar, a única maneira de uma mulher ter uma vida confortável e digna perante a sociedade era casar-se.

O casamento era arranjado entre as famílias, sendo uma espécie de negócio, no qual a escolha era feita conforme a posse de riquezas e posição social do homem e da família da noiva. Desta forma, o amor não era algo que deveria ser levado em consideração. Além disso, as leis relativas ao casamento eram injustas para as mulheres, qualquer mínima posse que a mulher viesse a ter, após o contrato nupcial era imediatamente passada ao marido, pois que a mulher não tinha o direito à administração de quaisquer bens. E em caso de divórcio, o guardião legal dos filhos seria o marido. Ainda quanto ao casamento, em sua tese (ROCHA, 2008, p.33) cita que:

A situação da mulher no casamento permaneceu desigual por muito tempo até que em 1870 um novo ato institucional determinou que ela pudesse reter £200 de suas posses prévias e em 1882 um novo ato dispôs que ela poderia administrar seus próprios bens. Uma mulher não poderia solicitar o divórcio, a menos que conseguisse provar que o marido era cruel, violento, praticante de incesto, estupro, sodomia ou bestialidade, e também adúltero. Se o marido solicitasse o divórcio, bastava a alegação de que a mulher era adúltera, ficando filhos e bens sob posse e responsabilidade total do

homem. Aquelas que conseguissem separação do marido, anulação do casamento, ou simplesmente se recusassem a casar, indubitavelmente eram mal-vistas pela sociedade da época.

Vista como uma figura frágil, acreditava-se que a mulher era incapaz de possuir condições intelectuais ou físicas para desempenhar papéis de mesma relevância social que os homens. Dessa maneira, o casamento era a única forma considerada moral para a mulher se estabelecer socialmente e economicamente. Desse modo, elas não tinham opções de escolha profissional que quisessem desempenhar; qualquer forma de trabalho era considerada inapropriada para uma mulher. À vista disso, ter uma vida independente era algo quase inexistente para a mulher vitoriana.

No que se refere às mulheres de classe baixa, muitas ajudavam no sustento da família. As únicas opções de trabalho disponíveis naquela época eram as ocupações de governanta, preceptora, dama de companhia, e algumas até mesmo ingressavam nas fábricas ou em trabalho nos campos, no entanto tais funções eram avaliadas como degradantes. E em relação às mulheres que perdiam seus maridos, (ROCHA, 2008, p.32) afirma que as “viúvas se viam propelidas a buscar novas uniões para garantir o seu próprio sustento e também de seus filhos e muitas acabavam na prostituição”.

Embora houvesse um ideal de figura feminina doce e passiva, guardiã do lar; com inúmeras regras a serem seguidas de como se portar, no que se refere à conduta e à etiqueta. Essa idealização estava longe da realidade para algumas mulheres vitorianas, devido ao fato de que nem todas as mulheres advinham de famílias abastadas, as quais tinham o benefício de desfrutar das regalias do lar. As mulheres de classe social baixa ou aquelas que passavam a não possuir renda, geralmente tinham que se submeterem a quaisquer trabalhos, outras optavam por não casar, e havia aquelas que almejavam se desvencilhar desse sistema opressor, e adentrar novos ares, proibidos até então.

As condições impostas às mulheres na sociedade vitoriana não eram satisfatórias, sendo que elas, muitas vezes, eram privadas de esferas sociais, sem direitos à liberdade de escolha. E deveriam se sujeitar, submetendo-se aos homens, o que as reduzia de forma quase insignificante. Quanto às suas capacidades, pode-se dizer que era algo que tornava suas vidas agonizantes, pois muitas não puderam estudar, e eram privadas de capacitação na área que bem escolhessem, pois, o

aprimoramento da mulher só era bem visto nas habilidades que a sociedade julgava como corretas.

Afirmações preconceituosas sobre o papel feminino e o idealismo de mulher angelical do lar começam se tornar incompatíveis com a realidade das transformações sociais que ocorriam na época, em especial com as demandas socioeconômicas. Essa questão de desigualdade entre os sexos, em que a condição colocada à mulher era inferior aos homens passa a ser protestada no século XIX. Começa então a haver discussão em torno dos direitos igualitários em relação às mulheres, quando já se via com maior clareza a inferiorização e discriminações que elas sofriam.

Essa insatisfação em que se encontrava a mulher vitoriana resultou em um movimento de mulheres que lutavam por uma mudança ideológica com relação ao sexo feminino. Neste período do século XIX eclode na Inglaterra o movimento Mulheres Sufragistas (*Women's Suffrage*), do qual milhares de mulheres participaram. Tal movimento reivindicava a igualdade de direitos nas relações sociais entre o sexo masculino e feminino, por meio do qual demandavam por melhorias no acesso a educação e melhores oportunidades e condições de emprego. Em especial lutavam pelo direito ao voto, com o objetivo de serem cidadãs participantes na sociedade de maneira igualitária aos homens:

[...] as sufragistas argumentavam que as vidas das mulheres não melhorariam até que os políticos tivessem de prestar contas a um eleitorado feminino. Acreditavam que as muitas desigualdades legais, econômicas e educacionais com que se confrontavam jamais seriam corrigidas, enquanto não tivessem o direito de voto. A luta pelo direito de voto era, portanto, um meio para atingir um fim. (ABREU, 2002, p.420).

A problemática da diferença entre os sexos tem exercido grande influência no percurso da civilização, no qual a luta pela nova identidade feminina começa a ganhar força, e começa a haver empoderamento do sexo feminino na sociedade. A mulher vitoriana antes idealizada começará a perder forças, pois por meio dos movimentos feministas, novos ideais acerca das mulheres passam a ser incutidos.

1.2 CONTEXTO DE PRODUÇÃO DAS IRMÃS BRONTË DA ERA VITORIANA

Dentre os autores de destaque da literatura inglesa do século XIX estão as irmãs Brontë, Emily, Anne e Charlotte. Dentre elas, a mais conhecida é Emily, com

sua publicação de *O Morro dos Ventos Uivantes* (1847). Anne escreveu *Agnes Grey* (1847), o qual obteve sucesso. Da mesma forma, a também famosa obra *Jane Eyre* (1847) foi escrita por Charlotte.

Charlotte Brontë nasceu em 1816, era filha de Patrick Brontë, um clérigo irlandês da Igreja Anglicana da vila de Haworth do Condado de Yorkshire, sendo a terceira filha mais velha de seis irmãos (cinco meninas e um menino). Segundo Oscar Mendes (1983), seus pais tinham aptidões literárias e promoviam o estudo da literatura e poesia, visto que seu pai continha uma bagagem literária composta de seus poemas campestres e de o menestrel rural e dos romances de fins moralizantes. Sua mãe Maria Branwell, tinha gosto pela poesia, o misticismo, e a imaginação. E seu único trabalho realizado, além de suas cartas ao marido que revelam suas qualidades literárias, foi um ensaio intitulado “*As vantagens da pobreza na vida religiosa*”. Com isso, se pode afirmar que Charlotte e suas irmãs viveram em um ambiente familiar em que se cultivou o desenvolvimento a literatura, portanto, seus dotes literários são uma herança familiar.

Sua mãe Maria veio falecer um ano depois de sua chegada a Haworth. Órfãs de mãe, seu pai a colocou e aos seus irmãos sob os cuidados de sua tia Elizabeth Branwell, pois viúvo, pobre e com filhos pequenos era quase impossível conseguir casar-se novamente. Mais tarde Charlotte e suas irmãs foram enviadas para o colégio interno clerical de Cowan Bridge, em Lancashire, um internato para filhas de eclesiásticos pobres.

O local tinha péssimas condições, pois que eram insalubres e possuía um regime tão severo que duas de suas irmãs vieram a falecer de tuberculose. Mendes (1983, p. 126) cita que Patrick Brontë então, abalado, tira suas filhas do colégio, que passaram a ficar em casa, estudando com o pai e, também, autodidaticamente durante cinco anos. Em casa, as irmãs soltavam a imaginação, criavam romances, contos e poesias em um universo imaginário, onde viviam sonhos e aventuras, tendo a necessidade de escrever tudo em caderninhos, os quais estão conservados até hoje no museu britânico. Ainda de acordo com Julia Romeu (2014, p. 22) sobre os escritos de seus caderninhos, enquanto suas irmãs Anne e Emily escreviam suas histórias sobre o reino de Gondal, Charlotte e seu irmão Branwell criavam o reino de Angria, com um elaborado conjunto de personagens. A maior parte do material sobre Gondal não sobreviveu, mas os escritos sobre Angria Charlotte os conservou cuidadosamente durante toda sua vida.

Posteriormente, Charlotte foi enviada a um internato feminino em Roe Head, em 1831, quando tinha quinze anos de idade, a qual era uma escola diferente de Cowan Bridge. Fez várias amizades, em especial com a senhorita Wooler, a qual lhe ajudou em seus estudos, e então passou a aprimorar seus talentos literários, como seus conhecimentos de história, narrativo, de política e de literatura. Um ano e meio depois Charlotte volta para casa, e transmite às irmãs tudo o que aprendera no internato. Limitadas ao lar, naquela época as moças não tinham muitas opções de lazer ou de buscar conquistas, visto que os afazeres de uma mulher se restringiam entre o desenho, a costura, a leitura e as visitas:

A vida em Haworth é monótona e pacata. Pela manhã, até meia hora depois do meio-dia, aulas e desenho. Depois passeio pela charneca. Jantar. Entre o jantar e a hora do chá, costura-se. Depois deste, lê-se, escreve-se, costura-se ou desenha-se. E vai-se para a cama. Uma ou outra vez recebe-se ou faz-se uma visita. E é só. (MENDES, 1983, p. 127).

Como se observa na citação acima as irmãs Brontë tinham uma vida monótona, limitadas ao âmbito do lar, uma rotina restrita da qual viviam as mulheres vitorianas do século XIX.

Já na vida adulta, Mendes (1983, p.128) descreve que Charlotte trabalhou como professora no colégio de Miss. Wooler. Sua irmã Emily também se empregou como professora numa escola próxima de Halifax; com o propósito de ajudarem nas despesas da casa, pois eram pobres, e seu pai não tinha condições de dar uma melhor qualidade de vida a elas. Neste contexto social vitoriano no qual as irmãs viviam, as mulheres não tinham opções de desempenhar profissões assim como os homens, portanto, seu papel limitava-se aos cuidados do lar, e somente a figura masculina contribuía economicamente na família.

Qualquer tipo de trabalho era considerado inapropriado para uma mulher, visto que a única atividade lícita era a de governanta ou preceptora, e mesmo assim, era considerada algo degradante. Segundo Maria Monteiro (1998, p.63), o trabalho da preceptora era agregado ao lar de determinada família burguesa, no qual era explorada pelo patrão e permanecia como uma espécie de prisioneira, encarcerada e espoliada, deixando ela de ser um agente econômico que pudesse livremente levar seu trabalho em outros segmentos mais proveitosos do mercado.

De acordo com Sewell, “para sentir-se confortável no trabalho, bastaria à preceptora reconhecer o lugar que devia ocupar e mostrar desejo de encaixar-se

bem nele” (SEWELL *apud* MONTEIRO, 1865, p. 413). No entanto, Charlotte Brontë contradiz a ideia de Sewell em uma carta que escreveu a sua irmã em 1839:

A preceptora particular não tem existência, não é considerada como ser vivo e racional, exceto em relação aos deveres enfadonhos e cansativos que tem que cumprir. Enquanto está ensinando, trabalhando e divertindo as crianças, tudo bem, mas se rouba uns momentos para ela, torna-se incômoda. (BRONTË *apud* MONTEIRO, 1975:187-8).

Para Monteiro (1998, p.64), com a posteriormente publicação de *Jane Eyre* (1847) de Charlotte, a presença da preceptora se torna marcante tanto no cenário social como no literário, e por intermédio da personagem heroína *Jane Eyre* desestabiliza todas as ideias estabelecidas anteriormente sobre a preceptora.

Trabalhar como professora era uma tarefa árdua. Devido ao excesso de trabalho Charlotte tem um esgotamento nervoso, e obriga-se então e voltar para casa. De acordo com Mendes (1983, p.128) em 1836, ainda nesse período de professorado, estavam todos os irmãos Brontë reunidos em uma festividade natalina, inclusive Branwell Brontë o único filho homem da família, o qual foi também romancista, poeta e pintor. Reunidos discutiram a possibilidade de ganharem a vida como escritores, pois desde crianças desenvolveram suas escritas e queriam seguir carreira trabalhando com o que amavam fazer, que era escrever.

Esperando ter uma opinião que os motivassem, Charlotte escreveu uma carta ao poeta laureado Southey, que continha algumas amostras de seus versos. E seu irmão Branwell também escreveu ao poeta Wordsworth. No ano seguinte Charlotte recebeu uma resposta de sua carta a desencorajando de tentar tal coisa, o que a deixou extremamente desanimada:

Wordsworth não respondeu. Mas Southey, no ano seguinte, numa longa carta refletindo o modo de pensar da época, que não apreciava as mulheres literatas, embora reconhecesse dotes literários na sua correspondente, aconselhava-a a desistir da literatura, que não podia ser coisa para mulheres, pois elas têm outros deveres mais absorventes para encher-lhes a vida. Mas que não deixasse de escrever seus versos, pelo prazer de os escrever. (MENDES, 1983, p. 128).

Naquela época mulheres não tinham voz na sociedade, pois era negada a elas a liberdade de expressão. Para a sociedade patriarcal era inapropriado uma mulher se expor falando de si ou sobre seus ideais. Devido a isso, muitas escritoras ficavam no anonimato sob pseudônimos masculinos, pois adentrar nas artes

literárias em que seriam escritas experiências e o ponto de vista de uma mulher não era algo bem visto:

Durante muito tempo, foram negadas às mulheres a autonomia e a subjetividade necessárias à criação, consequência da manipulação, do controle da palavra e da escrita. Isso assegurou a instalação do poder, da lei, do imaginário social na História (com H maiúsculo), e também trouxe como consequência a legitimação de uma minoria social, que assegurou, determinou e confinou as ferramentas do pensar, vedando às mulheres o livre exercício da autonomia do narrar e do escrever. O patriarcado teve, como uma de suas funções na história, a construção e a reprodução de uma memória implacável, imóvel, endurecida e controladora do poder epistêmico. (TEDESCHI, 2016, p.155).

Embora Charlotte tenha sido menosprezada pelo fato de ser mulher não desistiu de escrever e de lutar por seus objetivos. Ainda de acordo com Mendes (1983, p.131) ao encontrar um caderno de poesias de sua irmã Emily, Charlotte propõe que os versos sejam publicados em um único volume juntamente com os seus e os poemas de Anne. Como mulheres escritoras não eram bem vistas, ambas publicam sob pseudônimos masculinos de Curre, Ellis, e Acton Bell, e algumas revistas vieram a publicar suas obras. Tempo depois, as irmãs vieram a fazer sucesso com a publicação de seus romances, em especial Charlotte com a publicação de *Jane Eyre*.

Charlotte ainda viveu um amor impossível com um homem chamado Constantin Heger, que era casado. Por fim, casou-se com Arthur Bell Nicholls e engravidou, entretanto, não chegou a dar à luz, e acabou morrendo acredita-se de tuberculose em 1855, supostamente ela e todos seus irmãos morreram dessa mesma doença.

Algumas das obras de Charlotte Brontë que ganharam destaque foram *Shirley* (1849) e *O Professor* (1857), no entanto a mais famosa foi *Jane Eyre* (1847).

1.3 O EMPODERAMENTO NA FIGURA FEMININA ATRAVÉS DA LITERATURA

Ao longo da história da literatura, a qual foi de predominância masculina, estava presente em muitas obras literárias a imagem da mulher estereotipada ao caráter doméstico, difundindo a ideia de como ela deveria ser:

A noção errônea da mulher e suas possibilidades como ser humano abrangente na literatura do século XVIII vinha promovendo a imagem de

uma mulher de caráter predominantemente doméstico e de mentalidade essencialmente prática. Uma figura condenada à 'prisão domiciliar' com a pena máxima de ser eternamente passiva, submissa, dependente, escrava de suas emoções, mas com o direito de escolher a maneira de sua própria execução: morreria ela de tanto ter filhos, ou teria filhos até morrer? Com um pouco de sorte, uma tuberculose poderia mudar o curso de sua história. (LOPES, 1986, p.5)

Virginia Woolf, na publicação de seu ensaio *Um teto todo seu* (1998), fala sobre mulheres e escrita, e observando a biblioteca britânica, a autora procura uma explicação evidente para a falta de nomes femininos entre tantos volumes de livros, e enfim, cita alguns nomes que começam a aparecer no final do século XVIII.

Refletindo sobre isso, ela compara as condições de vida das mulheres, e conseqüentemente das escritoras femininas, para compreender a literatura feminina não há como negligenciar a história feminina. O motivo de não haver tantas escritoras era que as mulheres além de não serem incentivadas as artes e literatura, também eram oprimidas se tentassem se dedicar a isso, pois aos olhos dos homens eram chamadas de inferiores quanto à capacidade intelectual:

Havia uma enorme maioria de opiniões masculinas no sentido de que nada se poderia esperar das mulheres intelectualmente. Mesmo que seu pai não lhe lesse em voz alta essas opiniões, qualquer moça poderia lê-las por si mesma [...] mesmo no século XIX, a mulher não era incentivada a ser artista. Pelo contrário, era tratada com arrogância, esbofetada, submetida a sermões e admoestada. Sua mente deve ter sofrido tensões, e sua vitalidade foi reduzida pela necessidade de opor-se a isso, de desmentir aquilo. (WOOLF. 1998, p.67-68).

A maneira como era restrita a vida delas as limitava na produção da escrita. No entanto, ao adentrar o território literato, as mulheres sentiram a necessidade de desfazer os estereótipos impostos sobre elas.

Esse cenário começa a mudar quando mulheres começam a escrever, passam a ter voz literária. Woolf (1998, p.82) afirma que a maior revolução que aconteceu no século XIX foi o fato de as mulheres começarem a escrever. A partir de suas experiências, essa realidade feminina é exposta em uma realidade ficcional, com o intuito de trazer uma ruptura da imagem idealizada da mulher transmitida até então pela literatura. Personagens femininas são criadas para romper com esses padrões sociais impostos às mulheres. E assim, na literatura, valores são colocados em cheque, para que novos valores passem a ser refletidos e compreendidos, e então uma nova identidade social feminina seja formada. Dessa maneira, pode-se

afirmar que há uma grande importância da inserção das mulheres na literatura, visto que elas:

[...] apontaram a tradição literária masculina que, por muito tempo, apresentou modelos significativos dessas representações, desmascarando os estereótipos negativos formados pela cultura patriarcal, tais como o de anjo, louca, adúltera, presentes em obras masculinas, como também mostraram a desconstrução desses estereótipos, por parte das autoras, as quais, quando puderam ter direito à pena, buscaram uma nova roupagem para a figuração da mulher no texto literário e, principalmente, na sociedade (SOUSA; DIAS, 2013, p. 152).

O século XIX acaba sendo um território fértil na literatura inglesa para escritoras romancistas, espaço outrora demarcado pelos homens. Entre as escritoras consagradas da Era Vitoriana que contribuíram para essa conquista feminina literária, do rompimento de caracteres e costumes sociais atribuídos às mulheres estão às irmãs Brontë, Emily, Anne e Charlotte.

Embora tenham sofrido retaliações na época por quererem se afirmar como escritoras, hoje elas são um fenômeno na literatura mundial. Emily publicou *O Morro dos Ventos Uivantes* (1847), o qual mostra a personagem Cathy Earnshaw, que apresenta crises de histeria por não poder se casar com Heathcliff, devido ao fato de ele ser de classe social inferior à sua. Em seu romance, Emily tece críticas quanto ao casamento de conveniência na sociedade inglesa, no qual o amor não era levado em conta.

Anne Brontë, em sua obra *Agnes Grey* (1847), também cria uma protagonista feminina que corajosamente enfrenta as convenções sociais da época, se afirmando como uma mulher forte, na qual através de seu árduo trabalho como governanta tenta se sustentar, de maneira a ser independente.

Por sua vez Charlotte Brontë publica *Jane Eyre* (1847), a qual causou grande escândalo para a sociedade vitoriana. Segundo Mendes (1983, p. 133):

Era um livro que rompia com os padrões existentes. [...] a era vitoriana não compreendia mulheres revelando tão abertamente seus sentimentos mais íntimos, especialmente os sentimentos amorosos. Gritou-se em escândalo. Acusou-se o livro de ser imoral, muito embora nada nele houvesse de indigno ou obsceno. E por causa daquela acusação toda a gente tinha curiosidade de conhecer o novo autor.

A sociedade não estava acostumada com a voz feminina, e muito menos com questões íntimas de sua mente, logo *Jane Eyre* foi julgado como um livro

inapropriado. A personagem Jane Eyre, ao longo do enredo narra sua história, com seu ponto de vista e maneira de pensar sobre a sociedade e si mesma, revela sem medo suas emoções e sentimentos amorosos, e se afirma como uma mulher independente, dona de si mesma. Nisso vemos uma personagem que vai além da mulher vitoriana.

Além das irmãs Brontë, destaca-se também a autora Jane Austen, a qual em sua obra *Orgulho e Preconceito*, publicada em 1813, denuncia os costumes aristocráticos da sociedade patriarcal do século XIX na Inglaterra. Com uma personagem feminina de forte personalidade, Elizabeth Bennet, o enredo do romance mostra problemas relacionados à educação, cultura, moral e casamento com relação à mulher na sociedade aristocrática. A obra teria sido terminada em 1797, no entanto foi publicada apenas em 1813, devido naquela época ser difícil o aceite de manuscritos femininos, algumas mulheres usaram pseudônimos masculinos, como ocorreu no caso das irmãs Brontë.

Ainda em seu ensaio Virginia Woolf faz uma comparação entre as escritoras Jane Austen e Charlotte Brontë, da seguinte maneira:

Se Jane Austen foi prejudicada em algum aspecto de sua situação, deve ter sido na estreiteza da vida que lhe foi imposta. Era impossível a uma mulher andar sozinha. Ela nunca viajou; nunca rodou por Londres num ônibus ou almoçou sozinha num restaurante. Mas talvez fosse da natureza de Jane Austen não querer o que não tinha. Seu talento e suas condições de vida ajustavam-se completamente. Mas duvido que o mesmo tenha ocorrido com Charlotte Brontë, disse eu, abrindo *Jane Eyre* e colocando-o ao lado de *Orgulho e preconceito*. Abri-o no capítulo 12, e meu olhar foi atraído pela frase "Censure-me quem quiser". Do que estariam censurando Charlotte Brontë?, indaguei-me [...] Poder-se-ia dizer, prossegui, depositando o livro ao lado de *Orgulho e preconceito*, que a mulher que escreveu essas páginas tinha mais talento do que Jane Austen. (WOOLF, 1998, p.86-87).

Essa “estreiteza da vida que lhe foi imposta” se refere à limitação de experiências feminina com o mundo, resultado da restrição a uma esfera doméstica, na qual ambas as autoras viveram. Em suas obras pode-se evidenciar isto visto que ambos os espaços se remetem quase sempre ao lar. No entanto, Charlotte Brontë foi mais ousada, apresentando a personagem Jane Eyre de uma maneira mais independente, a qual se sentava sobre o telhado, enquanto a Sra. Fairfax fazia geleias, e ao olhar campos distantes, almejava conhecer novos lugares além do âmbito do lar.

Se Charlotte tivesse vivido experiências de intercâmbios e viagens, conhecido a agitação das cidades e convivido com variados tipos de pessoas, suas visões literárias iriam ter ido muito além. Embora no século XIX as mulheres gradativamente começassem a conquistar direitos, e afirmarem-se em profissões, como também ter acesso à educação, muitas delas ainda estavam privadas a esfera do lar, as que eram de classe social inferior ainda eram desfavorecidas quanto à educação, e poucas tinham acesso à vida pública e social, como afirmam Souza e Dias (2013, p.149):

Todavia, no cenário literário oitocentista, as mulheres chegariam a ser uma grande força na produção de romances no eixo Anglo-Americano, como Jane Austen e as irmãs Brontë. Entretanto, muitas delas ainda estavam relegadas à esfera privada, e poucas tinham acesso à vida pública e social, sobretudo as que eram de classes menos favorecidas.

Mesmo com todas suas limitações, as autoras não mediram esforços para escreverem livros que hoje são reconhecidos mundialmente, e mostraram que como mulheres foram capazes de vencer preconceitos sobre o gênero feminino. A literatura tornou-se um espaço de livre-arbítrio, no qual se pode conhecer territórios íntimos de mentes femininas que romperam com o ideal vitoriano de mulher. E a figura feminina que outrora era descrita de maneira preconceituosa nas páginas de história, hoje mostra fortes protagonistas cheias de talentos, que lutam por seus objetivos e conquistam sua independência. E uma nova identidade social da mulher aos poucos foi sendo cultivada na mente dos leitores, com ideais de igualdade e liberdade de expressão.

Pode-se afirmar que o romance *Jane Eyre* de Charlotte Brontë é de suma importância, pois desconstrói a imagem feminina criada anteriormente de forma preconceituosa na literatura, na qual a mulher era considerada frágil e incapaz quanto à intelectualidade e ao trabalho, e seus esforços deveriam estar relacionados aos afazeres domésticos. Na personagem Jane Eyre se nota uma mulher forte, inteligente, independente e trabalhadora, que assume uma nova visão quanto ao papel feminino.

2 O EMPODERAMENTO FEMININO EM JANE EYRE

Neste capítulo pretende-se apresentar a análise da obra *Jane Eyre* de Charlotte Brontë traduzida pela tradutora Heloisa Seixas e publicada pela editora Bestbolso em 2016, buscou-se apresentar dados que revelam o empoderamento feminino da protagonista do romance, a qual não corresponde às expectativas de comportamento que uma mulher vitoriana deveria ter. As marcas do empoderamento feminino se mostraram relevantes nessa tradução analisada.

2.1 A RUPTURA DA IDEALIZAÇÃO DE MULHER VITORIANA NA PERSONAGEM JANE EYRE E SEU EMPODERAMENTO

A obra *Jane Eyre* é publicada em 1847 por Charlotte Brontë, sob o pseudônimo masculino de Currer Bell, devido ao fato já mencionado de as mulheres não serem bem vistas como escritoras na época. Este romance de formação (romance que mostra a formação do protagonista como pessoa) apresenta à narradora- protagonista, Jane Eyre, cujo nome intitula a obra, a qual por meio da narrativa irá contar toda sua história desde sua infância até a sua fase adulta. Dessa maneira, será uma voz feminina que irá falar abertamente sobre seu ponto de vista e seus sentimentos com o leitor.

Jane Eyre narra que durante sua infância ficou órfã de pais, e o irmão de sua mãe, Sr. Reed, resolve adotá-la. No entanto, seu tio acaba falecendo, e a deixa sob os cuidados de sua esposa, Sra. Reed. Na mansão Reed, em Gateshead Hall, onde Jane agora residia, a protagonista viveu vários momentos infelizes, pois sua tia a odiava profundamente, e a humilhava constantemente devido não desejar criá-la, bem como seus primos Eliza, Georgina, e em especial John, que também sempre a maltratavam, até mesmo fisicamente. Sua tia a excluía dos privilégios reservado às crianças, Jane era descrita como uma criança mesquinha e malcriada, e por isso não recebia cuidados e atenção. Mesmo sendo parte da família, até mesmo a própria empregada a inferiorizava, como se pode notar quando seu primo John a agride e ela revida:

-Que vergonha! Que vergonha! –gritava a aia. –Que coisa chocante, Srta. Eyre, bater num jovem cavalheiro, filho de sua benfeitora! Seu jovem patrão!
-Patrão! Quem disse que ele é meu patrão? E por acaso sou uma empregada?

-Não, você é menos do que uma empregada, porque não tem nada neste mundo. Vamos, sente-se aí e reflita sobre sua mesquinhez. (BRONTË, 2016, p. 21).

O caráter de Jane era de uma pessoa sempre justa e verdadeira, possuindo forte personalidade, porém, não permitia que a colocassem em um lugar que não lhe cabia, ou aceitar algo que não era verdadeiro sobre si. Embora tentasse ser uma criança que contemplasse os padrões da época, não conseguia se sujeitar a receber maldades, e por não aceitar o que lhe era imposto, era considerada como uma criança rebelde. Neste primeiro momento da infância, evidenciamos a imposição da personagem ao enfrentar a tia, quando Jane se manifesta contra seu maldoso julgamento:

Eu precisava falar. Fora atacada com fúria e precisava revidar. Mas como? Que força tinha eu para retaliar o golpe de minha antagonista? Reuni as energias e soltei tudo numa só frase: – Eu não sou falsa. Se fosse, diria que gosto da senhora. Mas não gosto. Detesto a senhora mais do que qualquer outra pessoa no mundo, exceto John Reed. E este livro sobre a Mentirosa, pode dar para a sua filha, Georgiana, por que é ela quem conta mentiras, não eu. [...] –Você tem algo mais a dizer? –Perguntou ela, com uma voz que mais parecia dirigida a um oponente adulto do que uma criança. (BRONTË, 2016, p. 49).

Em uma de suas brigas com seu primo John, em que ele a importunava, e lhe atinge um livro na cabeça, Jane é quem acaba sendo repreendida, e é trancada no quarto vermelho, um aposento pouco usado, lugar onde seu tio faleceu, algo que a deixava bastante assustada. Ela descreve o quarto como frio, e que mesmo sendo quase intocado com toda sua grandeza, havia nele um encantamento. Esse quarto pode representar uma visão da sociedade na qual ela está presa como nos apresentam os autores:

Pois o quarto vermelho, majestoso, frio, envolto de um rico vermelho carmesim, com uma grande cama branca e uma poltrona "como um trono pálido" emergindo da escuridão escarlate, representa perfeitamente sua visão da sociedade em que está presa, uma inquieta criatura dependente. "Nenhuma prisão seria mais segura", ela nos diz. E nenhuma prisão, nós logo aprendemos, foi ainda mais aterrorizante, porque este é o quarto onde o Sr. Reed, o único "pai" que Jane já teve, "deu seu último suspiro." É, em outras palavras, uma espécie de câmara da morte patriarcal [...]. (GILBERT & GUBAR, 1978, p. 47, tradução nossa).¹

¹ For the red-room, stately, chilly, swathed in rich crimson, with a great white bed and an easy chair 'like a pale throne' looming out of the scarlet darkness, perfectly represents her vision of the society in which she is trapped, an uneasy and elfin dependent. 'No jail was ever more secure,' she tells us. And no jail, we soon learn, was ever more terrifying either, because this is the room where Mr Reed, the

Encarcerada no quarto, Jane sente um medo do desconhecido e, ao mesmo tempo, revolta pela maneira que a colocaram ali:

Um medo desconhecido estava tomando conta de mim. Mas ainda não me vencera completamente: meu sangue continuava quente. O estado de espírito do escravo revoltado ainda me tomava com seu vigor amargo. Eu precisava fazer mentalmente uma retrospectiva de tudo, antes de me concentrar no triste presente. (BRONTË, 2016, p.24).

O medo do desconhecido pode representar o medo das incertezas ao sair daquela prisão patriarcal e o espírito de escravo revoltado, da condição injusta em que ela é colocada. Entretanto, a revolta vence esse medo, o desejo de liberdade é muito maior, e ela alimenta essa revolta com as lembranças de todas as maldades de um regime opressor imposto a ela.

Depois de ocorrida a discussão com sua tia, Jane é enviada para a escola de meninas Lowood, a qual tinha péssimas condições, sendo elas insalubres. A escola possuía um regime extremamente rígido, havendo severas punições se não fossem seguidas as normas. Essa escola incutia valores da sociedade patriarcal às meninas, tais como maneiras de se portarem e de serem submissas. No entanto, Jane via em Lowood um novo recomeço para sua vida. Apesar do severo regime, a educação que ela recebeu foi fundamental para seu desenvolvimento intelectual, e posteriormente profissional. Depois de um tempo, Jane se torna uma mulher muito inteligente, e assim, ao terminar seus estudos ingressa como professora em Lowood. Embora órfã e pobre, a educação foi um principal fator para seu desenvolvimento pessoal e econômico. A educação ainda era muito limitada para as meninas do século XIX, e mais distante ainda para as de baixa classe.

A personagem passa oito anos vivendo na escola Lowood, primeiramente como aluna e depois dois anos como professora, quando então percebe que não tem conhecimento de mundo, e tudo o que conhecia se restringia ao sistema feminino imposto em que ela vivia. Jane queria se libertar de tudo aquilo que a limitava de conhecer algo novo:

Regras escolares, deveres escolares, hábitos e costumes escolares, assim como vozes, rostos, frases da escola, e também seus costumes, preferências, antipatias – era tudo o que eu conhecia do

only 'father' Jane has ever had, 'breathed his last.' It is, in other words, a kind of patriarchal death chamber [...]. (GILBERT & GUBAR, 1978, p. 47).

mundo. E agora percebia que já não era o suficiente. Numa única tarde, cansei-me de uma rotina de oito anos. Eu queria liberdade, ansiava por ela. (BRONTË, 2016, p. 106).

Determinada a sair de Lowood para conhecer o mundo e ser mais independente, Jane coloca um anúncio no jornal oferecendo seu serviço como preceptora. E recebe uma carta da Sra. Fairfax, a qual era governanta de Thornfield Hall, pedindo-lhe que se dirigisse para lá a fim de trabalhar como preceptora de uma garotinha chamada Adèle, que não era filha legítima, mas estava sobre a tutela de seu patrão Sr. Edward Rochester. Seguindo então para Thornfield Hall, Jane carrega consigo esse enorme desejo de ter experiências diferentes das quais ela vivia. A personagem, no entanto, tem consciência que tal desejo é inapropriado para uma mulher na sua sociedade, e que não será bem vista, visto que somente os homens podiam transitar livremente enquanto que as mulheres eram presas ao lar. Mesmo assim, ela demonstra não se importar:

Quem quiser que me critique, mas devo acrescentar que [...] quando Adèle brincava com a babá e a Sra. Fairfax fazia geleia, e ao observar, debruçada sobre as ameias, os campos, as montanhas e o horizonte além – nesses momentos, eu ansiava por um poder de visão que me fizesse transpor tais limites. Um poder que permitisse alcançar o mundo agitado, as cidades, regiões cheias de vida das quais ouvira falar, mas que nunca vira [...] Quem poderá me culpar? Muitos, não duvido, que me classificarão de inquieta. Mas eu não podia evitar. A inquietação era parte da minha natureza. (BRONTË, 2016, p. 133).

A personagem ainda prossegue sua narrativa em primeira pessoa denunciando ao leitor a inferioridade e restrição de vida imposta ao sexo feminino e, desmentindo a ideia de incapacidade da mulher, afirma que elas têm necessidades e são hábeis como os homens:

Espera-se das mulheres que sejam calmas. Mas elas são como os homens. Precisam exercitar suas faculdades, necessitam de um campo para expandir seus esforços, assim como seus irmãos. Sofrem com as rígidas restrições, a estagnação absoluta, tanto quanto os homens sofriam. E é tacanho por parte desses seres mais privilegiados dizer que elas devem se limitar a fazer pudins e a tecer meias, a tocar piano e a bordar bolsas. É insensato condená-las, ou rir delas, quando buscam fazer ou aprender coisas novas, além do que os costumes determinam que é o ideal para o seu sexo. (BRONTË, 2016, p. 134).

Com a chegada do Sr. Rochester a Thornfield Hall, aos poucos ele e Jane começam a se aproximar, pois que o patrão sempre solicitava sua presença na sala e às vezes conversavam. Entretanto, algumas vezes ele era um tanto rude em suas

respostas e ordens. Contudo, Jane é uma personagem que vai se opor ao estereótipo feminino de ser submissa e passiva:

Não creio, senhor, que tenha o direito de mandar em mim, apenas por ser mais velho ou por ter visto melhor o mundo do que eu. O direito à superioridade vai depender do uso que o senhor fez de seu tempo e experiência. (BRONTË, 2016, p. 161).

O casamento no século XIX era realizado por interesses de status sociais e econômicos, e não por amor. A autora Brontë não deixa de fazer uma crítica por meio da personagem sobre a forma de má educação recebida desde cedo, quanto ao casamento por interesse, quando a protagonista deixa claro que prefere o amor a aceitar tais ditames:

Até agora, nada disse contra o Sr. Rochester, sobre seu projeto de se casar por causa de interesse e conexões [...] mas, quanto mais analisava a posição, a educação dos pretendentes, menos me sentia apta a fazer julgamentos a respeito dele ou da Srta. Ingram, culpando-os por agir de acordo com os princípios que lhes tinham sido inculcados, sem sombra de dúvida, desde a infância. Todos de sua classe obedeciam a tais princípios. [...] eu achava que, se fosse um homem como ele, só tomaria por esposa alguém que pudesse amar. (BRONTË, 2016, p. 220).

Ainda sobre o casamento, Rocha (2008, p. 137) vai dizer que Jane parece entender muito bem esse sistema de barganha, em que a união é justificada por uma ordem econômica e não por nobres sentimentos. Por outro lado, Jane admite saber que por trás desse sistema existe uma ideologia que prepara os indivíduos para agirem de acordo com o esperado. E talvez a difícil aceitação desse sistema fosse devido ao diferente tipo de educação que recebera, o qual era de servir e atender às necessidades alheias.

Todavia, Jane desenvolve um grande amor por seu patrão, Sr. Rochester, colocando seus sentimentos por ele em patamar superior aos afetos das demais damas, visto que seu amor não estava baseado em interesses econômicos e sociais. Ela ainda se coloca igualada a ele quanto a algo em comum que os unia, no entanto, compreende que na sociedade em que está inserida suas diferenças sociais os separam:

“Ele não significa para elas o que significa para mim”, pensei. “Não faz o tipo delas. Mas faz o meu, sem dúvida. Ele é o meu tipo. Sinto-me próxima dele, entendo a linguagem de seu rosto, de seus gestos. Embora estejamos separados pela classe e pela riqueza, trago em mim no coração e na mente,

no sangue e nos nervos, algo que me associa a ele. (BRONTË, 2016, p. 206).

De acordo com Rocha (2008, p. 139), a protagonista adota um poder de percepção acerca da igualdade com Rochester com base em sentimentos e interesses intelectuais que ambos têm em comum e, ao mesmo tempo, enfrenta um sistema ideológico que afastaria a união dos dois. Por meio dos personagens, observa-se a construção ideológica enraizada na sociedade patriarcal, quanto à posição supostamente inferior da mulher, os casamentos por interesses e a educação diferenciada. Diante disso, Jane é uma dentre várias mulheres que sofrem por acreditarem ser capazes de ir além do que lhes eram permitido naquela época:

Mas agora eu lhe digo que devo ir! – retruquei, a emoção me tomando. – Acha que vou ficar, sabendo que já não vou significar nada para o senhor? Pensa que sou um autômato? Uma máquina sem sentimentos? Que posso suportar ver minha única migalha de pão ser tirada da boca, a gota-d'água derramada do copo? Acha que, só por ser pobre, obscura, feiosa e baixinha, sou uma pessoa sem alma e sem coração? Está enganado! Tenho tanta alma quanto o senhor... e muito mais coração! E se Deus me tivesse presenteado com mais beleza e fortuna, eu teria feito com que fosse tão difícil para o senhor me deixar quanto é para mim deixá-lo. Não me dirijo ao senhor agora através de normas e convenções, nem mesmo da carne mortal. É meu espírito que se dirige ao seu. Como se ambos tivessem cruzado o limite da morte e estivéssemos, aos pés de Deus, como iguais... que é o que somos! (BRONTË, 2016, p. 294- 295).

Nesta citação acima, Jane mais uma vez se posiciona a igualar-se a Rochester, e coloca sua natureza emocional até superior às emoções dele. De acordo com Zukoski e Coqueiro (2017, p.229), ela se iguala a ele sem se importar com normas e convenções que a inferiorizariam por ser pobre e mulher, segundo as quais não poderia se equipar ao nível do homem, o qual ainda lhe dava emprego. Contudo, tomada de um espírito revolucionário, contraria o que seria esperado de uma mulher vitoriana, e expressa seus sentimentos que lhe angustiam, não se deixando menosprezar por sua posição social e de mulher. Jane ainda afirma: “Não sou pássaro. E nenhum ninho me envolve. Sou um ser humano livre e independente, que agora, por vontade própria, vai deixá-lo.” (BRONTË, 2016, p. 295). Observa-se o empoderamento feminino tomado pela personagem, a qual não se deixa dominar por um sistema feminino imposto pela sociedade. Consciente de sua pobreza e de ser mulher, mesmo assim afirma-se um ser independente, tendo o

completo domínio de si e de suas escolhas. Jane se posiciona de uma maneira que era inconcebível para uma mulher daquela época.

Após este discurso empoderado de Jane, Rochester relata ser uma farsa seu casamento com a Srta. Ingram, manifesta seus sentimentos amorosos por ela, e a pede que se case com ele. Indo contra as convenções matrimoniais uma preceptora casar-se com seu patrão rico, e tomada por sentimentos de amor ela aceita casar-se com o Sr. Rochester. No entanto, Jane não vê o casamento como algo vantajoso para ela, e ainda assim, desejando ser uma mulher independente financeiramente, sente-se incomodada ao imaginar depender de um homem seu sustento: “Tendo ao menos a perspectiva de um dia poder contribuir para a fortuna do Sr. Rochester, fica menos doloroso para mim aceitar ser sustentada por ele.” (BRONTË, 2016, p. 313).

Começa-se então os preparativos para o casamento, Rochester presenteia Jane com vários mimos, entretanto, ela os rejeita. Como também não aceita seu pedido de jantar com ele, devido nunca ter feito isso antes. Deseja que as coisas continuem como eram antes até o casamento, pois que essa era uma maneira de ela se guardar caso suas intenções não fossem verdadeiras. Ela ainda se impõe afirmando que dará continuidade às suas intenções profissionais porque deseja continuar com sua liberdade de pensamento, não aceitando ser oprimida pela submissão ao marido e pelas obrigações do lar que eram impostas as mulheres vitorianas:

-Só quero uma mente livre, senhor. E que não seja pressionada por obrigações. [...] Continuarei me comportando como a preceptora de Adèle. Com isso, terei direito a meu salário e aos aposentos, além de trinta libras por ano. Vou comprar meu próprio guarda-roupa com esse dinheiro, e o senhor não terá de me dar nada [...]. (BRONTË, 2016, p. 314).

Contudo, no dia do casamento, durante a cerimônia um homem aparece protestando contra a união de Jane e Rochester. Alega que Rochester já era casado com sua irmã Bertha Mason, que há anos estava trancada no terceiro andar da mansão de Thornfield, sob os cuidados de Grace Poole. Sua esposa enclausurada é diagnosticada como louca e, assim, Rochester não atribui como algo errado buscar uma nova esposa, já que a que tem é insana e está longe de ser uma esposa que contemplasse atributos que uma mulher deveria ter. Rochester pede a Jane que permanecesse a seu lado, no entanto, Jane não aceita compactuar de um adultério e,

mesmo o amando, não abre mão de seus princípios cristãos. Nisso observa-se uma personagem que afirma sua independência sem perder seus valores como mulher:

Console-o, salve-o, ame-o. Diga-lhe que o ama e que será dele. Quem no mundo se importa com você? E quem ficará ofendido com o que ele fizer? Mas, ainda assim, a resposta era inabalável. “Eu me importo comigo mesma. E quanto mais solitária, sem amigos e sem sustento, mais eu me respeito. Respeito a lei de Deus, que foi sancionada pelo homem [...]”. (BRONTË, 2016, p. 369).

Jane então decide ir embora de Thornfield Hall. Sozinha, com pouco dinheiro, e sem saber ao certo para onde ir, ela segue seu caminho tentando se afastar o mais longe dali. Embarcando em uma carruagem, o máximo que conseguiu ir com o dinheiro que tinha foi até um lugar chamado Whitcross. Sem dinheiro agora para se alimentar, e sem um teto para repousar, Jane procura neste lugar algum trabalho para que possa se sustentar. Ao se deparar com uma dama, pede-lhe informações sobre emprego na cidade:

- Qual é a principal atividade nesta cidade? Em que ramo trabalham a maioria das pessoas?
- Alguns trabalham nas fazendas, a maioria é empregada na fábrica de agulhas do Sr. Oliver, e outros ainda trabalham na fundição.
- O Sr. Oliver aceita mulheres?
- Não, a fábrica é trabalho para homem.
- E o que fazem as mulheres?
- Não sei - foi a resposta. -Umaz fazem uma coisa, outras fazem outra. Os pobres vão vivendo como podem. (BRONTË, 2016, p. 380).

Com a Revolução Industrial, o capital desenvolve uma subsunção do trabalho. O trabalho artesanal passa para o trabalho manufatureiro, nascendo uma grande indústria de máquinas, a qual traz uma queda drástica economicamente para o produtor artesanal. Assim, no século XIX começava ser comum a presença de mulheres nas fábricas, devido à baixa renda da família:

A mulher também foi obrigada a encarar o trabalho fabril, pois os salários dos trabalhadores masculinos, que eram considerados chefes de família, foram profundamente achatados e não garantiam mais a subsistência familiar. Isto mudou radicalmente a vida das mulheres, já que elas passaram a executar dupla jornada de trabalho. No âmbito doméstico continuaram a cumprir com as funções de reprodução e, na fábrica passaram a desenvolver as atividades precarizadas em funções multitarefas. As mulheres, assim como os homens operários, eram condenadas ao trabalho em razão das necessidades impostas pela subsistência. (BOTTINI; BATISTA, 2013, p. 17).

No entanto, para a sociedade vitoriana havia ainda uma forte resistência da mulher no mercado de trabalho, considerado como algo inapropriado. Como vemos no trecho acima, em que a dama fala a Jane ser a fábrica trabalho para homens, pois para os vitorianos o lugar da mulher era no lar, cuidando apenas dos afazeres domésticos. A resposta que ela dá a Jane de não saber o que as mulheres fazem demonstra ser em um tom de insignificância ao papel da mulher na sociedade. Contudo, ao contrário do ideal de mulher vitoriana, Jane é uma mulher que por meio de seu trabalho sempre se manteve sozinha: “Eu sempre me sustentei. E tenho esperanças de que tornarei a fazê-lo em breve.” (BRONTË, 2016, p. 397). Apesar de a sociedade considerar o trabalho degradante para uma mulher, ela considera ser algo digno tanto para as mulheres quanto é para os homens.

Após perambular por alguns dias, finalmente Jane encontra refúgio na casa das irmãs do pároco, Sr. St. John Rivers. Ele lhe oferece emprego para trabalhar como professora em uma escola pública para meninas pobres. Ela então se estabelece novamente, exercendo um excelente trabalho e suas alunas têm ótimos progressos nos estudos. Jane ainda é surpreendida ao descobrir por meio de uma carta que é prima de John e suas irmãs, carta essa que também relatava que um tio distante havia morrido, e como não tinha filhos havia lhe deixado toda sua considerável herança. Ela agora era uma mulher rica.

Determinado a ser missionário na África, John pede a Jane que se case com ele para juntos cumprirem essa missão. No entanto, ela se recusa, pois ainda amava profundamente o Sr. Rochester. Em um delírio, ela o escuta a chamá-la e, tomada de emoções, decide partir e reencontrar Rochester. Ao voltar para Thornfield Hall, Jane se depara com a mansão em ruínas. A esposa do Sr. Rochester havia fugido e colocado fogo na mansão, e morrera ao se jogar do telhado. Ele, ao tentar salvá-la, fica ferido, cego e sem uma mão. Passando a residir na casa senhorial de Ferndean, a qual era destinada a caçadas, para onde Jane vai até encontrá-lo. Ela agora se encontra em um diferente nível econômico, e Rochester não quer que ela passe a vida com ele, devido sua situação não a favorecer mais, mas Jane afirma ser independente e rica, dona de suas próprias escolhas, e decide ficar ao lado dele: “Já disse que sou independente, senhor, assim como rica. Agora, sou dona do meu nariz.” (BRONTË, 2016, p. 506).

Rochester pede Jane novamente em casamento e ela agora, sem impedimentos, o aceita. Socialmente, a figura feminina era colocada como

dependente da figura masculina. Entretanto, os papéis se invertem em que Rochester passa a ser completamente dependente de Jane. E a protagonista transmite que não há vergonha nisso:

Através de mim, ele via a natureza. Através de mim, lia os livros. [...] era um prazer para mim desempenhar aquelas tarefas, prazer que não incluía nem vergonha nem humilhação. Ele me amava com tamanha sinceridade que não relutava em usufruir do mundo através de mim. (BRONTË, 2016, p. 525).

Esse final mostra a dependência do homem pela mulher, por meio da qual a personagem quebra com todos os estereótipos estabelecidos de como deveria ser um casamento e a vida de uma mulher. Em todo momento ela se afirma um ser livre, e por meio de seu trabalho mostra não ser um ser frágil, mas sim, capaz de se sustentar e se manter sozinha. Há um empoderamento em sua personalidade, que com muita intelectualidade deseja conhecer o mundo. Pode-se afirmar que a personagem Jane Eyre ultrapassa a mulher vitoriana, e quebra com todos os ideais colocados sobre a mulher.

3 ANÁLISE DAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS DE JANE EYRE

Neste capítulo, aborda-se sobre os estudos descritivos da tradução, e a partir da análise do texto fonte da Editora Collins Classics (2010), em comparação com as traduções brasileiras da Editora Vozes (1953) e da tradutora Heloisa Seixas (2016) da Editora Bestbolso, se teve o intuito de averiguar, por meio dos procedimentos tradutórios adotados, a presença de elementos do empoderamento feminino.

3.1 ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO

Este capítulo tem o objetivo de verificar a preservação dos elementos que transmitem empoderamento feminino à personagem Jane Eyre, constantes no texto fonte, e após os processos tradutórios, nas traduções elencadas. Por meio da microanálise de duas traduções brasileiras da obra *Jane Eyre*, bem como a macroanálise dos paratextos dos livros aqui analisados, procurando, entre outros aspectos, compreender o perfil do público alvo das traduções aqui apresentadas.

Para a análise paratextual, utilizou-se a teoria de Gérard Genette (2009) e duas traduções para o português brasileiro da obra *Jane Eyre*. São elas: a tradução publicada pela editora Vozes no ano de 1953, a qual não contém o nome do tradutor, e a tradução de Heloisa Seixas, publicada pela Editora Bestbolso no ano de 2016.

Dessa forma, indaga-se: As traduções da Editora Vozes e da tradutora Heloisa Seixas preservam traços marcantes do empoderamento feminino? Os procedimentos técnicos de tradução utilizados pelos dois tradutores fazem do texto alvo um texto domesticado, segundo a teoria de Lawrence Venuti (2002), isto é, um texto que se aproxima da cultura brasileira? Assim, procuramos levantar evidências de um projeto tradutório no aspecto do micronível textual que aponte tendências à estrangeirização ou à domesticação. Essa investigação apresenta relevância pelo fato de a estrangeirização ter o potencial de preservar marcas culturais na transposição por meio da tradução. Por outro lado, um texto traduzido mais domesticado normalmente promove o apagamento dessas mesmas marcas e, no caso deste estudo, faria desaparecer ou diminuir os aspectos feministas da obra fonte.

Para compreender melhor os processos que envolvem o ato da tradução, utiliza-se a teoria dos polissistema, de Itamar Even-Zohar (1990) de acordo com a qual uma determinada cultura é compreendida como um grande sistema internamente constituído por outros sistemas, e que ainda se relaciona com outros sistemas paralelos. Os polissistemas operam, segundo Even-Zohar (1990, p. 12), de forma sincrônica e diacrônica. São também heterogêneos e abertos, permitindo análises de escopo histórico e intersistemático.

E ainda segundo Gentzler (2009, p. 141), para os teóricos dos polissistema, as normas e as convenções literárias na cultura receptora (sistema-alvo) ditam as pressuposições estéticas do tradutor, influenciando assim suas seguintes decisões. É importante considerar esses fatores para compreender como a obra *Jane Eyre* parte de um polissistema literário inglês e se insere dentro do polissistema literário brasileiro.

Além de utilizar-se do suporte teórico de Itamar Even-Zohar (1990), recorre-se à teoria dos Estudos Descritivos da Tradução, de Gideon Toury (2012), com enfoque na cultura do texto de chegada, por meio da qual se analisou os aspectos do micronível do texto fonte e do texto alvo, no que tange aos procedimentos tradutórios.

Partindo da premissa que a tradução é entendida como o resultado de escolhas estratégicas que são adotadas dentro de um sistema de comunicação, por meio da análise microestrutural, pode-se verificar como as estruturas gramaticais, estilísticas e formais, níveis de linguagem, entre outros aspectos, foram utilizados no processo de tradução. Além disso, é possível também compreender de que maneira as escolhas dos tradutores retratam o empoderamento feminino na personagem Jane Eyre, tanto na obra de partida como nos textos de chegada, com base no contexto social em que estão inseridas.

Além desses teóricos, a fim de analisar o nível microestrutural das traduções, utilizou-se os procedimentos técnicos tradutórios de Lanzetti *et al* (2009), o qual divide os procedimentos tradutórios em duas categorias: procedimentos estrangeirizantes e domesticadores. Os procedimentos estrangeirizantes aproximam o texto de chegada do texto original por meio do recurso de manutenção de itens lexicais, estrutura e estilo. De maneira contrária, os procedimentos domesticadores afastam o texto de chegada do texto original, aproximando a tradução das estruturas linguísticas e da realidade extratextual da língua e da sociedade-alvo. Do mesmo

modo, utilizou-se os estudos de Antoine Berman (2007), no que se refere às análises das traduções por meio da aplicação de suas categorias de deformação. O texto de Berman se aplica a esta pesquisa por apontar com exatidão alguns fenômenos do processo e ato tradutório em relação ao texto fonte, como o empobrecimento, o enobrecimento, entre outros elementos.

Os estudos de Andre Lefevere (1992) conceituam os termos de mecenato ou patronagem, afirmando que existem relações de poder nos meios literários no que tange à tradução. Consoante ao autor, aqueles que são donos de editoras, jornais, revistas ou até mesmo agentes que controlam a mídia, podem ser considerados os detentores do poder em coibir ou estimular uma tradução. E, do mesmo modo, são aqueles que detêm o poder de exercer patronagem os agentes da instituição literária que, as mais das vezes, controlam as formas de tradução que serão fornecidas ao povo.

Quanto à macroanálise da tradução, pode-se comparar as duas capas dos dois livros em questão de análise neste trabalho, bem como outros paratextos. De acordo com a teoria de Gerard Genette (2006, p.9), os paratextos que acompanham um livro, sejam os peritextos, junto ao seu volume físico, ou os epitextos, veiculados, por exemplo, em reportagens e textos críticos, são de suma importância para compreender quais são os possíveis públicos alvo de uma tradução. No caso do corpus deste estudo, a relevância está no levantamento sobre os possíveis leitores das duas editoras e no fornecimento de dados para compreendermos a inserção de Charlotte Brontë no polissistema literário brasileiro.

3.2 ANÁLISE DO EMPODERAMENTO FEMININO NAS TRADUÇÕES DE JANE EYRE

A primeira tradução brasileira do romance *Jane Eyre* foi realizada pela Editora Vozes, na qual, porém, não consta o nome do tradutor, mas há um prefácio dele datado em 1916, em Porto Alegre. Sua terceira edição, a qual foi utilizada para as análises deste trabalho, foi lançada em 1953. A mais recente tradução pertence a Heloísa Seixas, lançada pela Editora Bestbolso em 2011, cuja quinta edição, de 2016, foi utilizada para este trabalho. Com a análise do texto fonte de *Jane Eyre* (2010) da Editora Collins Classics, em comparação com sua primeira tradução brasileira e a mais recente, pode-se averiguar se ambas as traduções mantêm elementos do empoderamento feminino da personagem protagonista do romance,

quais foram as escolhas dos tradutores e como se deu sua recepção no polissistema cultural de chegada.

Iniciou-se essa análise com o discurso da personagem Jane Eyre, a qual vivencia um regime social patriarcalista do século XIX, em que as mulheres tinham seus desejos e vontades reprimidas, destinadas a serem calmas, submissas e passivas, não podendo exercer profissões ou ocupar lugar na sociedade que quisessem desempenhar. A protagonista se opõe a esse ditame afirmando a igualdade da necessidade que ambos os sexos têm e que, assim como os homens, as mulheres precisam de um espaço na sociedade para exercer seu intelecto, profissão, e o que desejarem.

No trecho apresentado abaixo, essa posição é salientada por Brontë e traduzida nos dois textos selecionados:

Tabela 1: Análise das traduções. Fonte: a autora.

JANE EYRE (2010)	JOANA EYRE (1953)	JANE EYRE (2016)
Women are supposed to be very calm generally: but women feel just as men feel ; they need exercise for their faculties, and a field for their efforts as much as their brothers do; [...] (BRONTË, 2010, p. 109-110).	Supõe-se geralmente que as mulheres são muito calmas – a verdade é que elas sentem tanto quanto os homens , precisam de exercício para suas faculdades e de uma arena para suas lides tanto quanto seus irmãos; [...] (BRONTË, 1953, p. 107).	Espera-se das mulheres que sejam calmas. Mas elas são como os homens . Precisam exercitar suas faculdades, necessitam de um campo para expandir seus esforços, assim como seus irmãos. [...] (BRONTË, 2016, p. 134).

No primeiro grifo do trecho “Women are supposed to be very calm generally but women feel just as men feel”, nota-se que a primeira tradução da Editora Vozes (1953) tenta conservar seu sentido o mais próximo ao texto fonte, pois ao manter a palavra “supõe-se”, sugere ser algo que possa não ser verdadeiro sobre as mulheres. Já a escolha da palavra “espera-se” na segunda tradução da Editora Bestbolso (2016) expressa o cumprimento de uma obrigação às mulheres de serem calmas, ressaltando a denúncia de como eram tratadas.

Contrariando essa ideia imposta às mulheres, no segundo grifo do texto fonte “women feel just as men feel”, na primeira tradução, entende-se que as mulheres sentem as mesmas necessidades que os homens. Entretanto, na segunda tradução, a tradutora consegue enfatizar um maior empoderamento feminino ao afirmar que as mulheres são como os homens, igualando-as por completo ao sexo masculino.

Continuando um discurso sobre igualdade, no trecho a seguir, a protagonista protesta que ser mulher e pobre não a torna um ser inferior. Para ela, costumes e convenções sociais fazem distinção entre os sexos e as classes sociais, no entanto, ambos os sexos são seres humanos iguais:

Tabela 2: Análise das traduções. Fonte: a autora.

JANE EYRE (2010)	JOANA EYRE (1953)	JANE EYRE (2016)
Do you think, because I am poor, obscure, plain, and little, I am soulless and heartless? You think wrong! –I have as much soul as you, -and full as much heart! And if God had gifted me with some beauty, and much wealth, I should have made it as hard for you to leave me, as it is now for me to leave you. I am not talking to you now through the medium of custom, conventionalities, or even of mortal flesh: - it is my spirit that addresses your spirit; just as if both had passed through the grave, and we stood at God’s feet, equal, -as we are!	Pensa que eu, por ser pobre, simples e insignificante, seja também sem alma e tenha tão pouco coração como o senhor? E, se Deus me tivesse prendado com um pouco de beleza e com grande fortuna, teria tornado tão duro para o senhor deixar-me, como é agora cruciante deixar ao senhor. Já não falo referindo-me à mera convencionalidade, nem mesmo quanto à carne mortal: é meu espírito que se dirige ao seu, exatamente como se ambos estivéssemos além túmulo ao pé do trono do Altíssimo, iguais como	Acha que, só por ser pobre, obscura, feiosa e baixinha, sou uma pessoa sem alma e sem coração? Está enganado! Tenho tanta alma quanto o senhor... e muito mais coração! E se Deus me tivesse presenteado com mais beleza e fortuna, eu teria feito com que fosse tão difícil para o senhor me deixar quanto é para mim deixá-lo. Não me dirijo ao senhor agora através de normas e convenções, nem mesmo da carne mortal. É meu espírito que se dirige ao seu. Como se ambos tivessem cruzado o limite da morte e estivéssemos, aos pés de

(BRONTË, 2010, p. 255-256).	somos! (BRONTË, 1953, p. 239).	Deus, como iguais... que é o que somos! (BRONTË, 2016, p. 294-295).
-----------------------------	---------------------------------------	--

No primeiro grifo desse trecho “You think wrong! –I have as much soul as you, -and full as much heart!” no texto fonte, a personagem Jane Eyre afirma ter mais alma e coração do que Rochester.

Contudo, ocorre que na primeira tradução da Editora Vozes do ano de 1953 o trecho no qual há a autoafirmação da personagem está ausente. Dessa forma, ocorre um empobrecimento quantitativo em relação ao texto fonte, que de acordo com a teoria de Antoine Berman (2007), ocorre quando “Há desperdício pois tem-se menos significantes na tradução que no original (BERMAN, 2007, p. 54). Todavia, na segunda tradução esse trecho está presente, como se vê: “Está enganado! Tenho tanta alma quanto o senhor... e muito mais coração”. Assim, pode-se salientar, desse modo, que essa tradução se mantém mais próxima ao texto fonte, visto que mantém as palavras de Jane Eyre. É justo, então, afirmar que tal informação seria fundamental para uma melhor compreensão do leitor em relação à construção da personagem, o que não se verificou na primeira tradução. Por outro lado, a segunda tradução, da Editora Bestbolso (2016), realizada por Heloísa Seixas, manteve o trecho similar ao texto original, bem como preservou intacta a construção da personagem Jane Eyre nesse trecho, por meio das escolhas sintáticas e lexicais.

No segundo grifo do texto fonte “I am not talking to you now [...]”, observa-se que na primeira tradução, a personagem não dá ênfase a se referir diretamente ao seu receptor “Já não falo referindo-me [...]”, uma vez que o papel delineado à mulher deveria ser passivo, e não de oposição ao homem. Na segunda tradução, mantém-se a ênfase, como se observa em “Não me dirijo ao senhor agora [...]”. Pode-se entender, portanto, que na segunda tradução a personagem enfoca mais seu enfrentamento com Rochester.

No terceiro grifo do texto fonte, a protagonista afirma a igualdade como seres humanos entre ela e Rochester: “equal, -as we are!”. Percebe-se que a primeira tradução mantém o segmento como no texto fonte “iguais como somos!”. A segunda tradução igualmente mantém o sentido do texto fonte, porém, observa-se que “como

iguais... que é o que somos!” confere maior ênfase à afirmação de igualdade da personagem.

Para uma mulher do século XIX, era uma realidade distante abrir seu próprio negócio por meio de seu trabalho. Surpreendentemente, porém, a protagonista Jane Eyre transmite que essa realidade é plausível para a mulher vitoriana. Com o objetivo de economizar sua renda, deseja abrir uma escola, custeando suas próprias despesas, conforme verifica-se no excerto a seguir:

Tabela 3. Análise das traduções. Fonte: a autora.

JANE EYRE (2010)	JOANA EYRE (1953)	JANE EYRE (2016)
‘[...] The utmost I hope is, to save money enough out of my earnings to set up a school some day in a little house rented by myself ’ (BRONTË, 2010, p. 199).	-[...] O mais que posso esperar é ganhar e economizar bastante para um dia poder abrir uma escola em uma casa arrendada. BRONTË, 1953, p. 189).	[...] O máximo de expectativa que tenho é poupar algum dinheiro e um dia abrir uma escola, numa casa alugada por mim. (BRONTË, 2016, p. 231).

No texto fonte a personagem declara seu desejo de abrir uma escola, e observa-se o empoderamento feminino ao citar “by myself”, entendendo-se que ela mesma tem o poder de abrir seu próprio negócio. Na primeira tradução, ocorre uma ocultação dessa afirmação, a qual empobrece o sentido de empoderamento da mulher. De acordo com Lanzetti “A omissão é utilizada quando o tradutor decide não traduzir para o texto alvo algum item lexical ou estrutura do texto-fonte” (LANZETTI, 2009, p.11). Isso ocorre no caso da expressão “by myself”, que foi ocultada nessa tradução da Editora Vozes, do ano de 1953.

Já na segunda tradução, a afirmação se mantém em “por mim” e assim, pode-se conjecturar que a segunda tradução apresenta esse trecho mais aproximadamente ao texto fonte, transmitindo maior empoderamento feminino na manutenção dessa expressão.

Ainda de acordo com Lanzetti “Os procedimentos domesticadores afastam o texto de chegada do texto original.” (LANZETTI, 2009, p.3). No caso da primeira

tradução, o efeito parece ser de afastamento do texto originário, pois que o procedimento utilizado, bem como os termos escolhidos são domesticadores.

Dessa forma, pode-se dizer que a tradução da Editora Bestbolso (2016), de Heloísa Seixas, traz em sua tradução palavras que enfatizam o empoderamento feminino, buscando sempre mostrar Jane como uma personagem forte e à frente de seu tempo. Enquanto a tradução da Editora Vozes do ano de 1953, talvez por ser mais antiga, pode ser considerada um tanto resistente ao empoderamento feminino da personagem, porque nem sempre a personalidade forte de Jane está presente na tradução, pois como vimos acima, alguns trechos do texto fonte são ocultados na tradução.

Para Berman (2017) toda tradução feita depois da primeira tradução de uma obra, seria uma retradução, sobre a qual o autor ainda diz:

Toda primeira tradução é desajeitada: se repete aqui no nível histórico o que acontece com todo tradutor: nenhuma tradução é uma “primeira versão”. [...] É no momento posterior de uma primeira tradução cega e hesitante que surge a possibilidade de uma tradução bem-sucedida. [...] E tanto as primeiras traduções são “pobres”, marcadas pela perda, quanto a grande retradução se posiciona sob formas diversas sob o signo da profusão superabundante. (BERMAN, 2017, p. 265-266).

De acordo com a citação acima de Berman (2017) pode-se evidenciar que a primeira tradução brasileira de *Jane Eyre* da Editora Vozes (1953) mostrou-se mais empobrecida devido à perda de elementos, dos quais foram omissos. Contudo, a retradução mais recente da Editora Bestbolso (2016) foi mais bem-sucedida, por preservar maior quantidade de elementos do texto fonte, como também possuir maior riqueza linguística.

No trecho a seguir, Jane afirma ser uma mulher livre e independente, e utilizando de seu livre arbítrio, decide deixar seu patrão:

Tabela 4. Análise das traduções. Fonte: a autora.

JANE EYRE (2010)	JOANA EYRE (1953)	JANE EYRE (2016)
'I am no bird; and no net ensnares me; I am a free human being with an independent Will; which I now exert to leave you.'	-Não sou nenhum pássaro e nenhuma rede me prende; sou um ser humano, livre, com vontade independente e	Não sou pássaro. E nenhum ninho me envolve. Sou um ser humano livre e independente, que agora,

(BRONTË, 2010, p. 256).	desta faço uso para deixar o senhor. (BRONTË, 1953, p.240).	por vontade própria, vai deixá-lo. (BRONTË, 2016, p. 295).
-------------------------	---	--

Em nenhuma das traduções se alterou o sentido do texto original, no entanto, a primeira tradução é mais estrangeirizante, aplicando-se a teoria de Lawrence Venuti (2002), no que se aproxima mais do texto fonte.

Já a segunda tradução leva em consideração o contexto da frase e o signo pássaro, e utiliza o conceito de ninho para facilitar a compreensão do leitor, sendo, dessa forma, uma tradução domesticada, de acordo com a baliza dos postulados de Lawrence Venuti (2002).

Jane aceita se casar com Rochester, contudo, ela declara a ele sua pretensão de, após o casamento, manter sua liberdade de pensamento e não ser oprimida por obrigações convencionais, normalmente destinadas à mulher no matrimônio daquela época. Como se pode observar no trecho a seguir:

Tabela 5. Análise das traduções. Fonte: a autora.

JANE EYRE (2010)	JOANA EYRE (1953)	JANE EYRE (2016)
I only want an easy mind, sir; not crushed by crowded obligations. [...] (BRONTË, 2010, p. 272).	-Só quero guardar meu espírito desafogado, senhor; não oprimido por obrigações. [...] (BRONTË, 1953, p. 253).	Só quero uma mente livre, senhor. E que não seja pressionada por obrigações. (BRONTË, 2016, p.314).

Na primeira tradução, em “guardar meu espírito desafogado”, o tradutor utiliza uma metáfora talvez mais direcionada ao contexto de recepção de sua época. De forma domesticadora, de acordo com a utilização da teoria de Lawrence Venuti (2002), o tradutor busca aproximar o texto ao leitor de sua época, por meio da reflexão dessa metáfora. De acordo com Berman, as metáforas são utilizadas na tradução como uma espécie de transferência de sentidos, que está ligada com o que a tradução propriamente dita realiza “Essa “transferência” que é a metáfora a essa “transferência” que é a tradução” (BERMAN, 2007, p.41). Aqui questiona-se a

respeito da postura do tradutor em se utilizar dessa metáfora, porquanto que elimina a expressão “easy mind” (mente livre, despreocupada), no texto fonte permitida à personagem feminina e a substitui por “espírito desafogado”, refletindo, quem sabe, a ligação da mulher à religiosidade e não ao intelecto.

Dessa forma, a segunda tradução mantém seu sentido mais próximo ao texto fonte, dizendo que a personagem quer uma “mente livre”, de forma mais clara, como no sentido original de Brontë, e mais estrangeirizante, de acordo com o que preconiza Venuti (2002).

O empoderamento da personagem se faz presente no texto, ao declarar seu poder sobre si mesma, e não aceitar ser direcionada por uma figura masculina, como no seguinte excerto:

Tabela 6. Análise das traduções. Fonte: a autora.

JANE EYRE (2010)	JOANA EYRE (1953)	JANE EYRE (2016)
So far I have governed myself thoroughly. I have acted as I inwardly swore I would act; [...] (BRONTË, 2010, p.203).	Até aqui fiquei com as rédeas na mão; procedi como jurava a mim mesmo; [...] (BRONTË, 1953, p. 192).	Até aqui, fui a senhora de mim mesma. Tenho agido como me prometi que agiria. (BRONTË, 2016, p.235).

Na primeira tradução da Editora Vozes, do ano de 1953, o tradutor utiliza uma metáfora que pode ser considerada depreciativa, porém generalizante, pois a coloca como uma mulher controladora ao falar que até aquele momento a personagem ficou com as rédeas na mão. Contudo, não especifica o objeto ou situação sobre a qual ela teria esse controle, suavizando a afirmação por meio de eufemismo. A segunda tradução, da editora Bestbolso do ano de 2016, em oposição, está mais próxima ao texto fonte e capta a essência da personagem que fala sobre o controle de si mesma, o que denota a autonomia da personagem e mantém a questão do empoderamento feminino que se observou estar sempre presente nos traços dessa tradução brasileira, além da questão da estrangeirização, pois a tradução de Heloísa Seixas, está mais aproximada do texto originário.

Na primeira tradução, ao falar sobre segurar rédeas, parece que a personagem está controlando algo. E na segunda tradução, percebe-se a força

feminina de Jane ao falar sobre o seu auto-controle. Pode-se pensar que na primeira tradução, o tradutor pode ter optado por não utilizar termos que demonstrassem que a personagem era uma mulher forte, dona de si mesma, optando por utilizar uma metáfora comum na época em que a tradução foi realizada, em 1953. Utilizando um procedimento domesticador do texto, facilitando a recepção da obra, ou seja, aproximando o leitor do texto no contexto de chegada, de acordo com a teoria de Venuti (2002).

No final do romance, Rochester sofre um acidente, no qual fica cego, e ao ficar com Jane novamente passa a depender dela devido ao seu estado físico. Os papéis se invertem, mostrando aqui a dependência do homem em relação à mulher:

Tabela 7. Análise das traduções. Fonte: a autora.

JANE EYRE (2010)	JOANA EYRE (1953)	JANE EYRE (2016)
He saw nature- He saw books through me [...] And there was a pleasure in my services, most full, most exquisite, even though sad – because he claimed these services without painful shame or damping humiliation. He loved me so truly, that he knew no reluctance in profiting by my attendance. (BRONTË, 2010, p. 460).	Ele contemplava a natureza, lia os livros por mim [...] E havia em meus serviços prazer tão completo, tão requintado, embora triste, porque ele os pedia sem humilhação ou vergonha dolorosa. Amava-me tão deveras que lhe não repugnava aproveitar-se de mim.	Através de mim , ele via a natureza. Através de mim , lia os livros. [...] era um prazer para mim desempenhar aquelas tarefas, prazer que não incluía nem vergonha nem humilhação. Ele me amava com tamanha sinceridade que não relutava em usufruir do mundo através de mim. (BRONTË, 2016, p.525).

Nesse trecho no primeiro grifo do texto fonte “through me [...]”, percebe-se que Rochester, apesar de sua situação, aproveitava a vida com o auxílio de Jane. Em ambas as traduções, percebe-se que essa dependência do homem em relação a mulher, está presente.

Todavia, a segunda tradução de 2016, enfatiza em maior grau a profundidade dessa dependência, com as repetições do termo através de mim. A tradução de 1953 da Editora Vozes busca demonstrar que Rochester via o mundo de acordo com o primeiro grifo “- por mim”, no caso por Jane, como um favor. Já a segunda tradução enfatiza que ele via o mundo “- através de mim”, no caso através de Jane, valorizando essa dependência. Todavia, ao final do trecho, a expressão do original “- profiting by my attendance”, de acordo com a primeira tradução (1953), torna-se “- aproveitar-se de mim”, denotando algo depreciativo, que não valoriza a questão da condição do homem depender da mulher, mas que o reduz, por sua situação.

A segunda tradução, de (2016), por sua vez, coloca como “ - usufruir do mundo através de mim”, o que demonstra uma situação de reconhecimento. Nesse caso, a dependência do homem em relação à mulher adquire um sentido positivo, em uma relação prazerosa para ambos, diferentemente da primeira tradução, que coloca essa relação como algo negativo, em que uma parte se aproveita da outra.

Por fim, pode-se afirmar que ambas as traduções possuem muitos elementos que podem ser analisados. Entretanto, a maioria dos trechos demonstra que a primeira tradução da Editora Vozes, do ano de 1953 pode ser considerada, por grande parte dos trechos aqui analisados, como uma tradução domesticada, de acordo com a teoria de Venuti (2002). Já a segunda tradução de Heloísa Seixas do ano de 2016, da Editora Besbolso pode ser considerada como uma tradução mais estrangeirizante, seguindo os preceitos do mesmo teórico, sendo que essa segunda tradução se aproxima mais do texto fonte.

Além disso, pode-se afirmar que na segunda tradução de (2016) da editora Bestbolso, as marcas de empoderamento feminino da personagem Jane Eyre estão mais próximas ao texto fonte (2010) da editora Collins. E a primeira tradução de (1953) apresenta a omissão de grande parte dessas marcas. Pode-se levar em consideração o contexto de chegada de ambas traduções. Como também supor que de acordo com o contexto social e cultural no Brasil de 1953, da primeira tradução, as mulheres ainda estavam em processo de aquisição de suas primeiras conquistas sociais, como o direito ao voto e lugar de trabalho, no entanto ainda havia muitos preconceitos sobre a figura feminina. Em contraste, na segunda tradução há um espaço de conquistas sociais femininas no Brasil, pois na atualidade, a mulher se afirma de forma mais empoderada. Então se pode notar esse avanço na última tradução, em que a tradutora atribui maior ênfase ao empoderamento da mulher. As

diferenças culturais devem ser levadas em consideração nos distintos períodos do contexto de chegada, pois segundo Toury (2012, p. 20) a posição e função de um texto traduzido são determinadas pela cultura de chegada.

Ao mesmo tempo, deve-se levar em consideração o polissistema literário brasileiro, de acordo com a teoria de Itamar Even-Zohar (1990). Quiçá, a Editora Vozes possa ter optado por uma tradução que não valorizasse o empoderamento feminino, visando à forma de inserção e recepção da obra em nosso país no ano de 1953. Além do mais, devem-se notar as questões referentes ao mecenato e a patronagem, termo cunhado por André Lefevere (1992), que afirma que os agentes do poder controlam o que é lido e aquilo que é transmitido às massas.

Por essa razão, se a Editora Vozes tivesse optado por uma tradução mais similar ao texto fonte, na qual o empoderamento feminino estivesse explícito, é possível que o livro não fosse tão bem recebido no Brasil, bem como sua venda não fosse tão viável para a Editora, por ir contra o interesse daqueles que controlam o mercado, e que reprimiam os movimentos feministas da época. Segundo o teórico Lefevere, os detentores do poder de patronagem encontram-se no exterior do sistema literário, em suas palavras a patronagem é: “algo próximo dos poderes (pessoas, instituições) que podem fomentar ou impedir a leitura, escritura e reescritura de literatura” (LEFEVERE, 1992, p.34).

3.3 ANÁLISE PARATEXTUAL DAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS DE 1953 E 2016

Buscou-se, a seguir, analisar dois paratextos das traduções brasileiras da obra *Jane Eyre*, de Charlotte Bronte. O principal objetivo foi o de analisar os elementos que compõem o livro, tais como: prefácio, capa, contracapa, introduções, lombada, orelha, notas entre outros. Visando compreender a visão dos agentes do sistema literário brasileiro sobre a obra e sua temática, por meio de análises e depoimentos de editores, tradutores, e críticos, esta análise tem como base a teoria cunhada por Gérard Genette (2009), que afirma que os paratextos que acompanham um livro são de suma importância para uma compreensão mais eficaz da obra, nas palavras de Genette:

[...] título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências, prólogos e etc; notas marginais, de rodapé, de fim de texto; epígrafes; ilustrações;

errata, orelha, capa, e tantos outros tipos de sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos, que fornecem ao texto um aparato (variável) e por vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor, o mais purista e o menos vocacionado à erudição externa, nem sempre pode dispor tão facilmente como desejaria e pretende (GENETTE, 2009, p. 9).

Dessa maneira, buscou-se analisar as questões propostas por meio da recepção da obra no polissistema literário brasileiro em face da obra traduzida e sua temática.

Apresenta-se primeiramente a tradução da obra *Jane Eyre* publicada pela Editora Vozes, do ano de 1953, sendo ela sua terceira edição. Em sua capa está presente o nome da obra traduzida para Joana Eyre, contém o nome da autora Charlotte Brontë, como também o nome da Editora Vozes. E ainda há nela uma pequena imagem de um castelo, o que talvez possa significar a mansão de Thornfield, lugar onde a maior parte do romance entre os personagens Jane e Rochester acontece. No blog de Denise Botmann (2012)², a autora cataloga todas as oito traduções brasileiras da obra *Jane Eyre* de Charlotte Brontë até o momento. Nele consta a informação que a primeira tradução foi realizada pela Editora Vozes com o nome da obra traduzida para *Joanna Eyre*, a qual não consta a data nem o crédito de tradução, contudo há um prefácio do tradutor datado de 1916, em Porto Alegre. Sua segunda edição foi lançada em 1926 ainda com o mesmo título, e no ano de 1953 está mesma tradução foi reeditada, tirando um “n”. Abaixo, a página de capa da terceira edição, em 1953:

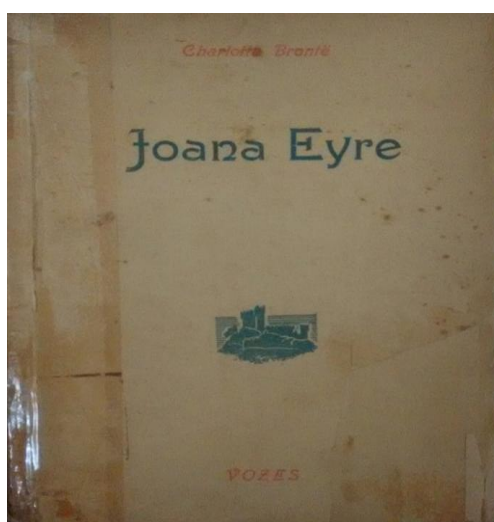


Figura 1: capa do livro *Jane Eyre*, publicado pela editora Vozes, terceira edição do ano de 1953. Fonte: acervo pessoal.

² Denise Botmann (2012) é autora do blog “Não gosto de plágio”, sobre plágios de tradução.

A tradução do nome da obra por si demonstra ela ser domesticada, como já evidenciamos na análise microestrutural anterior. A lombada da capa não contém nenhuma informação. No livro também não se encontra o nome do tradutor, fato que, segundo Venuti (1995), remete à invisibilidade de um tradutor. Venuti afirma que o trabalho do tradutor muitas vezes não é valorizado, por isso, muitas editoras não incluem seu nome, negando-lhe o crédito:

Entretanto, os tradutores não podem senão se opor a esta invisibilidade, não apenas porque ela constitui uma mistificação de todo o projeto da tradução, mas também porque ela parece estar relacionada ao baixo status ainda atribuído ao seu trabalho. (VENUTI, 1995, p. 111-112).

No entanto, a ausência do nome do tradutor pode causar uma inconfiabilidade quanto à tradução da obra.

O maior inconveniente do prefácio é o fato de que ele constitui uma instância de comunicação desigual, e mesmo desprovida de rigor, pois nele o autor propõe ao leitor o comentário antecipado de um texto que este ainda não conhece. (GENETTE, 2009, p. 211). No prefácio da primeira tradução, o tradutor relata o método descritivo tradutório que utilizou:

Na tradução segui na primeira metade o original quase à risca. Ora, os próprios críticos ingleses reparam no estilo muito individual e algo estirado, “schillerizado” da autora. Talvez a versão sofra um pouco do mesmo defeito. Na segunda metade, porém, onde as reflexões e considerações às vezes estorvavam o andamento da narração, tomei a liberdade de cortar dasapiedadamente tudo quanto pudesse impedir a carreira dos eventos para o desenlace final. (PREFÁCIO, 1953, p. 7 *apud* BRONTË, 1953, p. 7).

De acordo com a nota do tradutor presente no prefácio desta edição, o estilo “schillerizado” de escrita da Charlotte Brontë se refere ao grande poeta e dramaturgo alemão Friedrich Schiller (1759-1805), pode-se ter relação com a abordagem temática de suas obras como crítica a vida burguesa, conflito entre dever e paixões, como também valores humanistas, os quais podem se observar presentes na obra *Jane Eyre*. O tradutor buscou manter este estilo de escrita da autora na primeira metade da obra, mas na segunda metade as reflexões da escritora de acordo com seu ponto de vista estorvavam a narração, por isso, ele cortou tudo o que pudesse impedir a sequência dos eventos para o grande final.

Entende-se por patronagem segundo Lefevere (1992, p. 15) o controle das traduções, que advém de pessoas com autoridade ou instituições, que tem o poder de promover o avanço ou obstruir a leitura da literatura, como também da escrita e reescrita, estando isso ligado mais a ideologia do que a poética. No prefácio do livro da Editora Vozes o tradutor comenta:

Estava a concluir a tradução de “Joana Eyre”, quando um amigo chamou a atenção para a censura que em seu excelente livro “através dos Romances” lhe dá o Revmo. P. Pedro Sinzig, O. F. M. Com grande admiração minha descobri que o título da obra figura em grifo, quer dizer “O livro não é para todos”. (PREFÁCIO, 1953, p. 5 *apud* BRONTË, 1953, p. 5).

O prefácio não contém resumo sobre a obra, e nem comentários sobre a autora Charlotte Brontë como é de costume, o tradutor utilizou o prefácio para justificar suas escolhas tradutórias devido ao reverendo P. Pedro Sinzig lhe chamar atenção à censura, compreende-se que tal motivo foi para atender a algum nível de patronato.

Há a presença de um sumário, o qual divide o livro em trinta e oito capítulos sem títulos, e a contracapa que contém propaganda com títulos de outros livros da Editora Vozes, aparentemente os títulos mostram ser religiosos, dos quais seus autores são padres e missionários, entende-se tratar-se de uma editora católica. Ao final da página contém o endereço da caixa postal da mesma. Abaixo, a página de contracapa da terceira edição, em 1953:

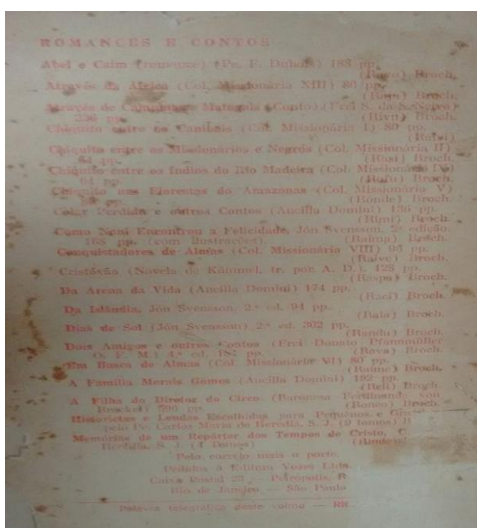


Figura 2: contracapa do livro *Jane Eyre*, Editora Vozes, terceira edição do ano de 1953. Fonte: acervo pessoal.

Geralmente na contracapa apresenta-se o resumo de uma obra, mas isso não ocorre no caso dessa tradução e edição. Com a análise paratextual dos dados contidos no livro, pode-se considerar que estes não aproximam o público leitor da autora Charlotte Brontë, porquanto que não apresentam quaisquer informações sobre a autora. No entanto, a veiculação de propagandas na contracapa indica o objetivo provável da editora de que o público leitor adquira outros livros publicados pela Editora Vozes.

O segundo livro aqui analisado foi a tradução elaborada pela tradutora Heloisa Seixas da Editora Bestbolso, lançada em 2011, para esta pesquisa foi utilizado sua quinta edição lançada em 2016 no Rio de Janeiro, a qual está disponibilizada em edição de bolso. Quando se coloca em pauta o assunto “edição de bolso”, podem-se ouvir incontáveis críticas e também muitos elogios. As edições de bolso são edições em um tamanho menor de livros “comerciais”, por assim dizer - livros que vendem facilmente e que geralmente são clássicos da literatura:

A “cultura de bolso” é hoje um fato universal, e a expressão forjada por Hubert Damisch revelou-se, pondo de lado toda e qualquer avaliação, muito bem adequada, porque a “edição de bolso” – isto é, simplesmente a reedição a preços baixos de obras antigas ou recentes que passaram antes pelo texto comercial da edição corrente – transformou-se num instrumento de “cultura”, em outras palavras, de constituição e, naturalmente, de difusão, de um acervo relativamente permanente de obras *ipso facto* consagradas como clássicas. (GENETTE, 2009, p.25).

Na parte superior da capa descreve-se a obra como um romance clássico de Charlotte Brontë, com destaque do nome da autora, em fonte maior. No canto da capa, pode-se encontrar o nome da editora, e a informação de que o livro está de acordo com a nova ortografia da língua portuguesa. Devido ao fato de que o título do livro se apresenta em maior destaque que todos os outros elementos, se pode vislumbrar que a editora o considera um livro de renome, e por isso acredita que conseguirá atrair o público com o seu título. Igual destaque recebe a cor rosa das letras do título da obra, assim como colar contendo um brasão com uma figura feminina, o que pode remeter a temática feminista da obra. Abaixo, a página de capa da quinta edição, em 2016:

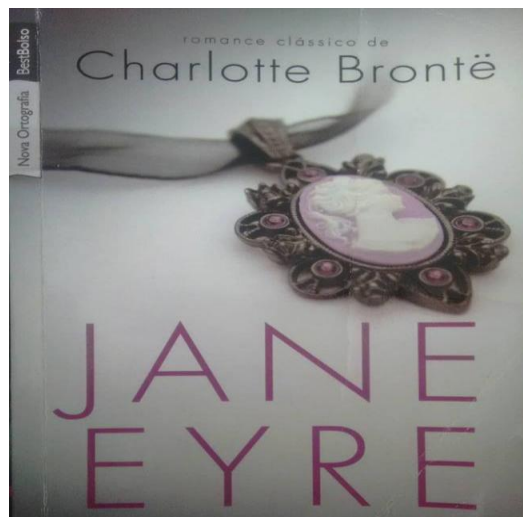


Figura 3: capa do livro *Jane Eyre*, tradução de Heloisa Seixas, Editora Bestbolso, quinta edição do ano de 2016. Fonte: acervo pessoal.

Segundo Genette, “A lombada, local exíguo, mas de evidente importância estratégica, traz na maioria das vezes, o nome do autor, o logotipo da editora e o título da obra” (GENETTE, 2009, p.29). No entanto, com relação à tradução do romance de Charlotte Brontë, a lombada do livro contém apenas o nome da obra e da autora.

Em outro epíteto, a contracapa do livro, observa-se uma citação da autora Virginia Woolf aclamando a obra: “Nós abrimos *Jane Eyre* e somos envolvidos pela genialidade, veemência e indignação de Charlotte Brontë. É o intenso brilho vermelho do fogo do coração que ilumina suas páginas.” Nisso Woolf demonstra reconhecer a genialidade da escrita e a indignação de Brontë quanto ao papel considerado à mulher na sociedade vitoriana. Ainda na contracapa há outra citação da tradutora Heloisa Seixas, destacando a notoriedade da família Brontë na literatura inglesa do século XIX: “Quando o assunto é literatura do século XIX- e muitos são os mestres desse período-, temos de tirar o chapéu para uma família, a Brontë.” Dessa maneira, o livro mostra para o público leitor que se trata de um clássico de muito prestígio.

Por fim, a contracapa contém ainda uma imagem de Charlotte Brontë, além de uma pequena sinopse, e a informação de que o texto é integral. Abaixo, a página de contracapa da terceira edição, em 1953:

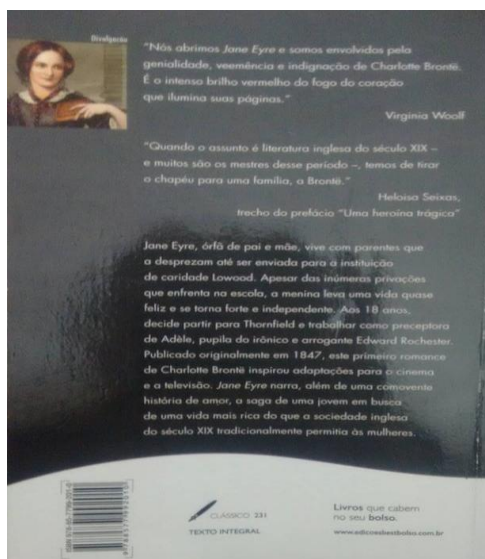


Figura 4: contracapa do livro *Jane Eyre*, tradução de Heloisa Seixas, Editora Bestbolso, quinta edição do ano de 2016. Fonte: acervo pessoal.

Segundo Genette (2009, p.24), geralmente, as edições de bolso tendem a cortar capítulos dos livros originais, e não possuem riqueza na questão paratextual, pois são condensados. No entanto, esta edição de bolso preza por sua qualidade como publicação.

O livro está dividido em trinta e oito capítulos, no entanto, não contém sumário. Há, além disso, um prefácio da tradutora Heloisa Seixas, a qual fala sobre a obra *Jane Eyre*, como também traz informações sobre a autora Charlotte Brontë. Como se pode observar nesse pequeno trecho do prefácio baixo:

Guiados pelas mãos firmes de Brontë, acompanhamos a saga da pequena órfã Jane Eyre, da infância até a vida adulta, quando precisará de todas as suas fibras para superar as mais terríveis provações [...] Charlotte se casou com Arthur Bell Nicholls e engravidou, mas jamais chegaria a dar a luz. Como uma heroína trágica, morreu grávida, em março de 1855. (SEIXAS, 2016, p. 8-9 *apud* BRONTË, 2016, p. 8-9).

Inserir-se, também, um prefácio autoral da própria Brontë, mas sob o pseudônimo de Currer Bell devido em sua época não ser reconhecidas escritoras mulheres. A autora em sua terceira edição da obra fala sobre sua pertencente autoria. Como se observa abaixo está citação:

Aproveito a oportunidade que a terceira Edição de *Jane Eyre* me dá de novamente dirigir-me ao público para explicar que meu direito ao título de romancista se apoia apenas nesta obra. Assim, se a autoria de outras obras de ficção me tem sido atribuída, trata-se de honra concedida a quem não a

merece, e, em consequência, negada a quem é devida. (CURRER BELL, 2016, p.13 *apud* BRONTË, 2016, p. 13).

Diante dessas informações dos prefácios contidos no livro tanto da tradutora como a da própria Charlotte Brontë, pode-se considerar que tais informações aproximam o público leitor da obra e da autora.

Por meio das análises paratextuais dessas duas traduções, podemos concluir que a primeira tradução da Editora Vozes do ano de 1953 não apresenta a autora ao polissistema literário brasileiro em sua plenitude, por não incluir informações sobre a Charlotte Brontë e suas obras. Acredita-se que seu público alvo seriam os consumidores de obras lançadas pela própria editora. Porém, o próprio fato de a editora investir no projeto dessa tradução e edição no início do século XX é um indicativo de dois aspectos relevantes. O primeiro diz respeito à potencial notoriedade da autora e suas irmãs em ambos os sistemas literários, inglês e brasileiro, visto que o volume se dedica à primeira tradução do romance de Charlotte, e que possivelmente segue à fama de Emily Brontë. O outro ponto se refere ao fato de que esta primeira tradução, por si, significa o momento primeiro da inserção do romance, e quiçá da autora, em solo brasileiro. Consequentemente, a tradução detém importância histórica inegável.

Com respeito à tradução da Editora Bestbolso do ano de 2016, observa-se que Charlotte Brontë já está estabelecida no polissistema literário brasileiro, visto a forma de sua apresentação e o prestígio com que é considerada a obra *Jane Eyre*, como um clássico da literatura inglesa, e aqui selecionada para reedição de bolso, participando de possível coleção e atendendo ao seu público alvo consolidado, o qual se supõe serem aqueles que apreciam a autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve o objetivo de desenvolver uma análise descritivo-comparativa de duas traduções brasileiras da obra *Jane Eyre*, da escritora inglesa Charlotte Brontë, no que se refere aos aspectos de empoderamento feminino demonstrados na personagem protagonista do romance nessas traduções.

Primeiramente, levantaram-se dados quanto ao papel da mulher na sociedade inglesa do século XIX, de maneira a constatar que a mulher era inferiorizada, devendo ser submissa e passiva ao homem. Não tinha liberdade de pensamento e muito menos de poder escolher uma profissão. Para a época, a única forma considerável viável e respeitável para seu sustento era casar-se e depender de seu marido. Contudo, Charlotte Brontë constrói uma personagem feminina que está à frente da mulher vitoriana, rompendo com ideais impostos sobre a mulher, pois, a personagem Jane Eyre se mostrou uma mulher forte e inteligente, que por meio de seu próprio trabalho se sustentava, sem depender de uma figura masculina para sobreviver.

Destacou-se também a importância de escritoras femininas para desmistificar a construção empregada na figura feminina na literatura até então e assim, Charlotte Brontë e suas irmãs, bem como também a escritora Jane Austen, contribuíram na ficção de personagens femininas fortes e empoderadas.

Para a análise da recepção do romance no polissistema literário brasileiro foram utilizados os estudos de Itamar Even-Zohar (1990) e sua Teoria dos Polissistemas. Nas análises das traduções brasileiras foram utilizados os procedimentos técnicos tradutórios de Lanzetti *et al* (2009), e os estudos de Antoine Berman (2007), como também os postulados de Andre Lefevere (1992). Com base nas análises microestruturais das traduções brasileiras da Editora Vozes (1953), e Heloisa Seixas da Editora Bestbolso (2016), constatou-se que tais traduções possuem públicos-alvo diferenciados. A tradução da Editora Vozes (1953) pode ser considerada mais “domesticada” e a de Heloisa Seixas (2016) pode ser considerada mais “estrangeirizante”, tendo como base a teoria de Venuti (2002). A tradutora Heloisa Seixas mostrou preservar mais os elementos de empoderamento feminino presentes no texto fonte, enquanto que a tradução da Editora Vozes ocultou mais essas marcas. No entanto, as duas traduções possuem seus próprios benefícios e

devem ser valorizadas, porque contribuem para a formação da consolidação da autora no polissistema literário brasileiro, pois é por meio das traduções que Charlotte Brontë tornou-se conhecida e prestigiada no Brasil.

Neste trabalho também foi realizada a análise dos paratextos das traduções brasileiras de *Jane Eyre*, que foi fundamentada pela teoria de Gérard Genette (2009). Verificou-se por meio da análise dos paratextos que a tradução da Editora Vozes (1953) apresenta a autora no polissistema literário brasileiro sem plenitude, devido não inserir informações sobre sua vida e obra. Todavia, essa tradução teve grande importância para a inserção da autora no polissistema literário brasileiro. Na análise paratextual da tradução de Heloisa Seixas da Editora Bestbolso (2016) encontraram-se diversas informações sobre a vida da autora e sua fortuna crítica. Concluiu-se que Charlotte Brontë se encontra hoje consolidada e valorizada no polissistema literário brasileiro.

Acredita-se que este trabalho irá contribuir para futuras reflexões sobre o tema proposto, acreditando apresentar relevância dentro da comunidade de tradução e acadêmica.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Zina Gonçalves. Luta das Mulheres pelo Direito de Voto. Movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Arquipélago – **Revista da Universidade dos Açores**. Ponto Delgada, 2ª série, VI, 2002. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/380/1/Zina_Abreu_p443-469.pdf> Acesso em: 04 de fev. de 2018.

BERMAN, Antoine. A retradução como espaço de tradução. Trad. Clarissa Prado Marini & Marie-Hélène C. Torres. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 37, nº 2, p. 261-268, mai-ago, 2017.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Mauri Furlan, Marie-Hélène Catherine Torres e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

BOTTINI, Lucia Mamus; BATISTA, Roberto Leme. **O trabalho da mulher durante a revolução industrial inglesa (1780 a 1850)**. Cadernos pde, 2013. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_fafipa_hist_artigo_lucia_mamus_bottini.pdf>. Acesso em: 04 de fev. de 2018.

BOTTMANN, Denise. **Não gosto de plágio**. Charlotte Brontë traduzida no Brasil. 2012. Disponível em: <<http://naogostodeplagio.blogspot.com/2012/02/charlotte-bronte-traduzida-no-brasil.html>> Acesso em: 06 de jun. de 2018.

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. New York: Harper Collins, 2010.

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Tradução de Heloisa Seixas. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

BRONTË, Charlotte. **Joana Eyre**. 3.ª ed. Tradutor não informado. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1953.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Studies: Poetics Today. **International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication**. v. 11, n. 1, 1990.

GENETTE, Gerard. **Paratextos editoriais**. Trad. de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GENTZLER, Edwin. **Teorias contemporâneas da Tradução/ Edwin Gentzler; [tradução Marcos Malvezzi]**. 2. Ed. Ver. – São Paulo: Madras, 2009.

GILBERT, Sandra & GUBAR, Susan. **The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-century Literary Imagination**. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1978.

LANZETTI, Rafael et al. Procedimentos técnicos de tradução: uma proposta de reformulação. In: **Revista do ISAT**, n. 7. São Gonçalo: ISAT, 2009.

LEFEVERE, Andre. **Rewriting and the manipulation of literary fame**. Londres: Routledge, 1992.

LOPES, Christiane Maria. **A Mulher na Era Vitoriana: um Estudo da Identidade Feminina na Criação de Thomas Hardy**. 1986. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1986. Disponível em: < <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24338/D%20-%20LOPES,%20CHRISTIANE%20MARIA.pdf?sequence=1>> Acesso em: 21 de abr. de 2018.

MENDES, Oscar. **Estética Literária Inglesa**. São Paulo: Editora Itatiaia; Brasília: INL Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

MONTEIRO, Maria Conceição. Figuras Errantes na Época Vitoriana: a Preceptora, a Prostituta e a Louca". **Revista Fragmentos**, V. 8, No I, Jul.-Dez., 1998,UFSC e In Revista Brasil de Literatura, Internet, 1998.

ROCHA, Patrícia Carvalho. **A Estética da Dissonância nas Obras de Charlotte Brontë**. UFMG, 2008. Disponível em: < <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp061629.pdf>> Acesso em: 21 de abr. de 2018.

ROMEU, Julia. **Juvenília/ Jane Austen e Charlotte Brontë**. -1ª Ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

SEWELL, Elizabeth. **Governess in Families**. In Principles of Education. London, 1865.

SOUZA, Dignamara P. de Almeida; DIAS, Daise L. Fonseca. Quando a Mulher Começou a Falar: literatura e crítica feminista na Inglaterra e no Brasil. **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 3, jan./jun., 2013. Disponível em: < <http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao-3/Artigos/Artigo7-Dignamara%20e%20Daise.pdf>> Acesso em: 17 de abr. de 2018.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na historia das mulheres. **Raído**, Dourados, MS, v.10, n.21, jan./jun. 2016. Disponível em: < ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/download/5217/2737> Acesso em: 18 de abr. de 2018.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Revised Edition. Philadelphia: John Benjamin Publishings, 2012.

VENUTI, Lawrence. **A invisibilidade do tradutor**. Trad. Carolina Alfaro, 1995, Tradução de The Translator's Invisibility. Criticism, Wayne State UP.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.

ZUKOSKI, A. M. S. ; COQUEIRO, Wilma dos Santos. A representação feminina em Jane Eyre e Wide Sargasso Sea: diálogos entre o romance de autoria feminina nos séculos XIX e XX. **Miguilim- revista eletrônica do netlli**, v. 6, p. 221-240, 2017.

WOOLF, Virginia. **Um Teto Todo Seu**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro, 1998.